



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO**

FRANCISCA LEIDIANE PRIVINO GOMES DOS SANTOS

**A PARTEIRA TRADICIONAL “MÃE CELINA”: DESDE O PARTO À BENÇÃO AOS
NASCIDOS NO QUILOMBO DONA JUSCELINA EM MURICILÂNDIA – TO**

Araguaína - TO
2023

FRANCISCA LEIDIANE PRIVINO GOMES DOS SANTOS

**A PARTEIRA TRADICIONAL “MÃE CELINA”: DESDE O PARTO À BENÇÃO AOS
NASCIDOS NO QUILOMBO DONA JUSCELINA EM MURICILÂNDIA – TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) e à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Câmpus de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestra.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kênia Gonçalves Costa.

Araguaína – TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- P961p Privino Gomes dos Santos, Francisca Leidiane.
A Parteira Tradicional "Mãe Celina": Desde o parto à benção aos nascidos no Quilombo Dona Juscelina em Muricifândia – TO. / Francisca Leidiane Privino Gomes dos Santos. – Araguaína, TO, 2023.
101 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2023.
Orientadora : Kênia Gonçalves Costa
1. Dona Juscelina. 2. Parteira. 3. Memória. 4. Cultura. I. Título
CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FRANCISCA LEIDIANE PRIVINO GOMES DOS SANTOS

**A PARTEIRA TRADICIONAL “MÃE CELINA”: DESDE O PARTO À BENÇÃO AOS
NASCIDOS NO QUILOMBO DONA JUSCELINA EM MURICILÂNDIA – TO**

Relatório de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) e à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Câmpus de Araguaína, para avaliação da Orientadora e da Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de mestra.

Data de Avaliação ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Kênia Gonçalves Costa – UFNT (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maíra Cavalcanti Vale – Instituto Imuê – Instituto Mulheres e Economia
(Avaliadora Externa)

Prof^a. Dr^a. Rejane Cleide Medeiros de Almeida – UFNT (Avaliadora Interna)

Araguaína – TO
2023

Dedico este trabalho à Dona Juscelina (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Quero deixar aqui registrado meus agradecimentos a todos àqueles que confiaram, incentivaram, apoiou e contribuiu de alguma forma na minha caminhada durante o mestrado, e assim a concretização do meu trabalho.

Meu primeiro agradecimento vai para aquele que nos momentos difíceis e no cansaço me deu força para continuar persistindo no meu objetivo, a Deus.

À minha família, minha mãe Joana Privino Gomes dos Santos e meu pai João Ribeiro dos Santos, meus irmãos Maria Leidaiana Privino dos Santos, Antônio Eduardo Privino dos Santos, Maria Eduarda Privino dos Santos, pelo companheirismo nesse processo, que sempre com muito carinho incentivaram minha caminhada, aos meus filhos que muitas vezes sem entender o que estava acontecendo, mas sempre ao meu lado, meus amores, de onde tirava forças pra continuar, Fernanda Privino de Abreu e Gustavo Privino de Abreu, ao meu marido e companheiro de sempre Jairo Roberto Carvalho de Abreu.

Obrigada por desejarem sempre o melhor para mim, pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar aqui e, principalmente pelo amor imenso que vocês têm por mim, a vocês minha família mais uma vez Obrigado.

Quero também agradecer aos colegas que me auxiliaram a tornaram possível a concretização deste sonho, Marilúcia Gonçalves, Izarete Oliveira, Katiane Santos, Eli Duarte, Juscelino Laurindo, Leomaura Miranda, Lucrecia Borges, Maria da Cruz, que muitas vezes me ajudaram e me orientaram neste árduo percurso acadêmico.

Aos meus colegas de estudos pelas trocas de informações numa rara demonstração de amizades. Aos quilombolas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, especialmente à matriarca (*In Memória*) Dona Juscelina Gomes dos Santos, que sempre me abençoou, acreditando que tudo ia dá certo, mesmo depois de sua morte esteve presente em meus pensamentos sempre. Uma mulher simples de uma sabedoria imensurável. Deixou um legado de luta, de quem não hesitou em enfrentar, com serenidade e fé, os desafios da vida. Tive a honra, não só de conhecê-la, mas de contar com o seu carinho e amizade. Que a sua trajetória de vida seja um incentivo a continuar lutando por um Mundo de oportunidades para todos. A dona Juscelina, minha Mãe Celina toda minha gratidão por partilhar tamanha sabedoria.

A toda Comunidade de Muricilândia cidade na qual nasci e moro, as minha interlocutoras, a todos que sempre desejavam sorte no meu projeto.

Aos colegas de trabalho pelo companhereismo acolhimento, que sempre entenderam as vezes que eu precisei mi ausentar de meu trabalho, as pessoas que direto ou indiretamente ajudaram na construção desse sonho.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Cultura e Território (PPGCULT) pelo carinho, esforço desse curso ser o sucesso que é, a minha Orientadora Profa. Dra. Kênia Costa que acreditou nesta pesquisa desde do inicio. As Professoras da banca examinadora, Dra Prof^a. Dr^a. Rejane Cleide Medeiros de Almeida e Prof^a. Dr^a. Sariza Oliveira Caetano Venâncio, que com muito carinho e atenção contribuíram bastante com seus apontamentos.

RESUMO

Esta pesquisa intitulada provisoriamente com A parteira tradicional “Mãe Celina”: Desde o Parto À Benção aos Nacidos no Quilombo Dona Juscelina em Muricilândia - TO traz as narrativas sobre a história de vida da matriarca quilombola Dona Juscelina (*in memorian*) na realização do trabalho de parteira tradicional. Nesta direção, faz-se relevante o estudo com abordagens biográficas sobre Dona Juscelina (*in memorian*), com o compromisso de rememorar a construção dos laços de comunidade. A proposta dialoga com a linha de pesquisa “Paisagens, Narrativas e Linguagens”, traz contribuições para as discussões que englobam narrativas orais e a relação entre a identidade étnico-racial quilombola com memórias de sujeitas que revelam trajetórias socioespaciais. A pesquisa objetiva compreender o trabalho de parteira tradicional, exercido por Lucelina Gomes dos Santos (Dona Juscelina - *in memorian*) e seus desdobramentos sociais em Muricilândia (TO), identificando memórias e narrativas de mulheres que em dores de parto foram cuidadas. Para tal, mobilizamos o método História Oral com técnica de História de vida, para melhor entendermos as nuances expressadas pelas narradoras. Desta forma, Dona Juscelina (*in memorian*), passou a ser denominada de “Mãe Celina” pelos filhos das mulheres assistidas nos partos naturais e que esses nascidos passam a ser seus “filhos de pegação” (crianças assistidas pelo parto natural). Desta forma, os resultados obtidos até o presente momento revelam que Dona Juscelina (*in memorian*), através de seus saberes e exercício do trabalho de parteira tradicional, que durante 25 anos (entre as décadas de 1960-1980) realizou 583 partos, contribuem com a construção social de laços comunitários da população de Muricilândia (TO), a partir do convívio entre a parteira, a mulher gestante e o pai da criança gerando relações afetivas de comadrios. Mãe Celina, utilizou seus saberes tradicionais para cuidar das mulheres parturientes, sendo reconhecida por ser uma mulher de fé na religiosidade cristã, deixando seu legado de contribuição social na sua comunidade.

Palavras-chave: Dona Juscelina, Parteira, Memória, Cultura.

ABSTRACT

This work is part of the ongoing master's research of the PPGCULT program, Postgraduate Program in the Study of Culture and Territory, at the Federal University of TO, (UFT) Campus Araguaína TO. The study provisionally titled as: Memories and narratives of mother Celina: from childbirth to a blessing for those born in the quilombo Dona Juscelina in Muricilândia – TO. The objective of the research is to narrate the history and experiences of the matriarch of the quilombola community Dona Juscelina (In memory) from Muricilândia-TO and her performances as a midwife in the community. The methodology used to conduct the interviews is oral history in the life history modality, as it is understood that it gives the interviewees greater freedom to express their feelings. Oral history is built around people, according to Thompson (1998), where their lives are cast in history, admitting everyone from leaders to people unknown to the people as subjects of this history. In addition, this research brings in its theme the theme of interdisciplinarity, which, in line with what Pombo (2008) points out, the Quilombo Dona Juscelina, is an immense interdisciplinary storehouse that enables various research objects. By understanding that this type of research deals with knowledge in a horizontal way. The quilombola culture is transmitted from generation to generation by the griôs, and respect for older people is part of this culture. Therefore, for CORRÊA (2002), culture is the testimony of human actions in the environment, actions that range from abstract context and physical relationship. Therefore, the results obtained so far show us that the matriarch was called by her children as making out (children assisted in childbirth by Dona Juscelina), mother Celina, based on her memories, knowledge and narratives produced by her profession as a midwife, in a perspective of relationship with the social and cultural construction of the Quilombola Dona Juscelina community and in the municipality of Muricilândia TO. According to studies already carried out in the Dona Juscelina Quilombola Community in Muricilândia TO, we show that 583 births were carried out. Mother Celina, has always used traditional knowledge to care for women in labor in the Dona Juscelina Quilombola Community, having attended many women. She was recognized by the community for being a woman of Faith and resistance, thus leaving her legacy for the maintenance of the culture of the local quilombola community.

Keywords: Dona Juscelina, Midwife, Memory, Culture.

LISTA DE FIGURAS

		Página
Figura 01	Percurso Metodológico 27
Figura 02	Lucelina Gomes dos Santos (Dona Juscelina) 41
Figura 03	Dona Juscelina no momento de fé 49
Figura 04	Altar de fé de Dona Juscelina 54
Figura 05	Dona (Jus)Celina e Luzia Luanna Meneses sua “filha de pegação” 55
Figura 06	Placa Titulo Cidadã Muricilandense 57
Figura 07	Prêmio Boas Práticas em Direitos Humanos	----- 58
Figura 08	Diploma de Mulher do Ano 58
Figura 09	Titulo Doutora Honoriscausa Memória POstuma 59
Mapa 01	Aproximidade entre as comunidades Pé do Morro (Aragominas) e Dona Juscelina (Muricilandia) 67
Figura 10	Pioneiros de Muricilandia (TO) 69
Figura 11	Dona Juscelina na beira do Rio Murici 71
Figura 12	Interlocutoras: Joana Privino G. Santos e Maria das Graças Privino Ferreira 75
Figura 13	Interlocutoras: Maria Eurânia da Conceição e Leonice da Silva Ferreira 76
Figura 14	Interlocutoras: Maria das Graças Gomes dos Santos e Maria Luiza Silva Santos 77
Figura 15	Interlocutoras: Cleonice Pereira dos Santos e Betânia Vieira da Silva 78
Figura 16	Griô Rosa Mirtes Pereira de Sousa 79
Figura 17	Doralice Gomes da Silva (Matriarca da Comunidade Quilombola Cocalinho) 80
Figura 18	Quintal de Dona Juscelina Antes (2021) 90
Figura 19	Quintal de Dona Juscelina em 2022 91

LISTA DE TABELAS

		Página
Tabela 01	Levantamento preliminar das Famílias e números de partos realizados pela Dona Juscelina em Muricilandia – TO. 42

LISTA DE QUADROS

		Página
Quadro 01	Comparativo entre medicina tradicional e convencional 45
Quadro 02	Síntese das características das interlocutoras entrevistadas. 80

Sumário

Auto Biografia.....	13
1. INTRODUÇÃO	18
1.1 DONA JUSCELINA FIO CONDUDOR QUE ALINHA VÁRIAS HISTÓRIAS	18
1.2 Trajetoria da Pesquisa	22
1.3 A construção identitária do Quilombo Dona Juscelina	30
2. PRÁTICAS CULTURAIS DE PARTEIRAS TRADICIONAIS NO BRASIL E DE DONA JUSCELINA NO ATUAL MUNICÍPIO DE MURICILÂNDIA (TO).....	36
2.1 Mãe Celina: uma parteira tradicional	39
2.2 Uma mulher de fé	47
2.2.1 Festa de Santos Reis	50
2.2.2 Festejo da Abolição: no dia 13 de Maio, abolição da escravatura.....	51
2.2.3 Festa do Divino Espírito Santo	52
2.3 Dona (Jus)Celina, uma Mulher do local ao nacional	56
3. INTERSECÇÕES ENTRE: A FORMAÇÃO DE MURICILÂNDIA (TO) – A CHEGADA DE DONA JUSCELINA – A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO QUILOMBO.....	62
3.1. Conhecendo território político administrativo de Muricilândia - TO.....	62
3.2 Do Morro do Santo Cruzeiro ao Quilombo Dona Juscelina.....	63
3.2.1 Memórias sobre Antonia Parnaguá	63
3.2.2 A chegada dos pioneiros e pioneiras às margens do rio Muricizal	66
3.2.3 Ano de 1960 a chegada da família da Matriarca em Muricilandia.	70
3.3 Trajetória socioespacial de Dona Juscelina	72
4. VIVÊNCIAS DE DONA (JUS)CELINA COMO PARTEIRA TRADICIONAL, A PARTIR DAS MEMÓRIAS DAS PARTURIENTES	74
4.1. Mães, Comadres e Amigas de Dona Juscelina.....	74
4.2. Processo de Partejar	81
4.2.1 As dores do Parto.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS.....	99

Auto Biografia

Sou Francisca Leidiane Privino Gomes dos Santos, natural da cidade de Muricilândia, Estado do Tocantins, nascida no dia 12 de julho de 1980. Sou casada com o senhor Jairo Roberto de Carvalho Abreu com quem tive dois filhos, Fernanda Privino e Gustavo Privino, sou servidora pública da rede municipal na cidade onde nasci e tenho morada fixa.

Meu trabalho é sobre a história de uma parteira que ajudava mulheres parir de parto natural, no qual estou inserida, pois minha mãe foi uma das mulheres ajudadas por meio do trabalho de Juscelina Gomes, a parteira mais conhecida de Muricilândia e região durante 25 anos.

Minha história começa, a partir do momento quando minha mãe, a senhora Joana Privino Gomes dos Santos começou a sentir os primeiros sinais de dores do parto. Segundo ela, foi muito sofrido, tanto pelas condições financeiras, quanto pela estrutura da realidade, pois, na época, poucos carros na cidade, minhas avós Antonia Inácio e Maria Batista, (*In memoria*), recorreram a sua fé, fizeram promessas a São Francisco das Chagas, pedindo força para que minha mãe tivesse um bom parto. Meu pai, João Ribeiro dos Santos, já desesperado pelo sofrimento da minha mãe, sem condições e estruturas financeiras recorreu à parteira mais reconhecida da cidade, Dona Juscelina, que logo veio a minha casa para fazer o parto e foi bem clara que, eu ou minha mãe ia morrer, porque, do jeito que estava só dava para salvar uma. O desespero foi maior, pois eu era a primeira filha do casal.

Dona Juscelina mulher religiosa e de muita fé, consegue então salvar eu e minha mãe. Segundo ela, o meu parto foi uns dos mais difíceis que ela fez, pois eu estava de forma atravessada. Ela dizia que fazia os partos com amor, cuidado e dedicação. Hoje sou muito grata a ela minha Mãe Celina que pela sua forma simples de ser, porém, coragem para realizar o sonho e trazer alegria à minha família, do mesmo jeito que foi capaz de fazer com inúmeras outras famílias.

Produzir um trabalho acadêmico no qual posso contar a minha história e associá-la à pesquisa científica, utilizando os fatos a partir de narrativas, registros oficiais, entrevistas e assim poder trabalhá-los de forma interdisciplinar, deixando descrito tanto a parte da minha história de vida, quanto a história de conquistas de minha família no Quilombo Dona Juscelina que ao mesmo tempo se confunde com a história de Dona Juscelina e do município de Muricilandia.

Em 1986 começou minha vida como estudante aqui mesmo em Muricilandia. A escola funcionava num racho de palha nos fundos da então Escola, hoje, atual Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, onde fui alfabetizada. Na época, lembro que todos queriam ir para parte construída da escola, esta escola fiz o ensino fundamental e ensino médio, tempo de muita dificuldade, mas a escola era um lugar que nem pensava que tinham os problemas, meu pai trabalhava roçando pastos em fazendas que ficavam distantes e ele passava dias sem ao menos vir em casa. Foram anos de grandes desafios para minha família, poucas condições financeiras, mas nunca sem perder a coragem para enfrentar os problemas.

Minha mãe conta que no ano de 1986 meu pai contrariando a família fez o concurso da Polícia Militar e passou. Ela disse que foi a partir do seu primeiro salário ele comprou um fogão com botijão, o que foi motivo de alegria, pois já era ia ficar mais fácil ao menos cozinhar a comida das crianças.

O tempo foi passando e a realidade melhorando e, enquanto crianças eu ficava mesmo era esperando o momento de ir para a escola que para mim era tudo de bom, pois, sempre gostei de estudar. Lembro que como a escola era perto da minha casa, minha mãe não precisava me levar e eu ia com muito prazer encontrar com meus professores que eu adorava.

De todas as minhas professoras, a que mais me recordo é a professora Rosa Dália quem me ensinou a fazer meu nome e explicou a importância de Francisca, pois conhecia minha história, devido às promessas das minhas avós. E eu confesso que não gostava de ser chamada de Francisca, mas já o segundo nome Leidiane eu gostava. Isso coincidiu com a época do sucesso da música *Leidiane*, do cantor e compositor, Julio Nascimento.

O Colégio Estadual Marechal Costa e Silva sempre fez parte de minha vida desde os primeiros momentos de estudante, ainda como alfabetizando, segui e concluí o ensino fundamental e ensino médio. Depois de mim também meus irmãos Daiana, Eduardo e Maria Eduarda concluíram seus estudos no mesmo colégio.

. Em meio a tanta pobreza, os mais velhos poucos tiveram a oportunidade de estudar, porém, meus pais com todas as dificuldades, concluíram o ensino médio, por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Mesmo sem terem sido incentivados a estudar, mas uma coisa meus pais sempre fizeram foi nos incentivar para os estudos. Meu pai fala sempre que é nossa maior riqueza e até hoje eles nos apoia em toda nossa vida estudantil.

Concluí o ensino médio no ano de 1999 e lembro que foi tão emocionante que chorei muito de alegria. Mas, também ficava pensando que meus pais não estavam com condições de pagar curso para que pudesse continuar meus estudos. Só em 2004 voltei a estudar aqui mesmo em Muricilândia, na modalidade a distância, pela Faculdade Educativa, onde cursei Normal Superior e, novamente com muita dificuldade financeira e coragem para novamente enfrentar os desafios. Em julho de 2004 concluí meu curso.

Em abril de 2005 comecei minha vida enquanto professora, quando participei de seletiva para trabalhar no Assentamento Rio Preto, Município de Araguaína, a 30 km de Muricilândia. Fui selecionada e trabalharei por cinco anos na Escola Municipal José Nogueira. Naquele período da minha vida, foi o maior desespero, pois, morar com pessoas que nunca tinha visto, imaginava que seria difícil, mas ao contrário, lá fui acolhida com muito carinho e as amizades construídas, fluem até hoje.

Também em 2005 depois de 05 anos de namoro casei com meu marido, onde o mesmo só estudou até o ensino médio, mas sempre esteve comigo me incentivando e ajudando, apoiando em todos os momentos, bem como todos da minha família.

No ano de 2007 fiz o vestibular a UFT, disponível para professores, que seria aos finais de semana, passei em 12ª lugar. No mesmo ano, para a minha surpresa, fiquei grávida da minha primeira filha, começou minha correria, trabalhava, estudava em Araguaína nos finais de semanas, de moto para cima e para baixo, meu médico nem sonhava, mas era o que tinha que fazer. E em dezembro, nasceu a Fernanda.

Em 2008 fiz minha Pós Graduação em Psicopedagogia e em 2009 passei em 1º lugar no concurso para Professora aqui em Muricilândia e, na rede municipal fui trabalhar em Cocalândia também a zona rural, depois, na Escola Nova Canãa, na Escola Nova Muricilândia, na Creche Pinguinho de Gente e na rede estadual fui trabalhar na Escola Estadual de Muricilândia. Para a minha grande surpresa fui convidada para trabalhar no Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, onde estudei minha vida toda.

De 2004 a 2011, cursei outra Graduação, desta vez em Biologia onde fiz na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Confesso que não era uma grande necessidade naquele momento, mais aproveitei bastante e hoje tenho certeza da importância do meu curso, que fiz com muito esforço e dedicação. Ele também é responsável por fazer com que a visão de mundo seja ampliada e isso acontece por conta de alguns desafios que qualquer graduação impõe. Meu passado sempre

interferiu nas minhas escolhas, a vontade de crescer na vida e no meu aprendizado.

Em meio a tantos desafios, estudos e trabalhos mais uma surpresa com a minha segunda gravidez e em setembro de 2013 nasceu o meu caçula, Gustavo. Mais uma conquista que ele foi acolhido com muito amor.

Em outubro de 2019, voltei a Faculdade UFT como aluno especial, pois estudar permite a construção de valores, o reconhecimento social e mais autonomia para se posicionar na sociedade, no curso do Programa de Pós-Graduação em Estudo em Território – PPGCULT. Disciplina: Seminário Avançados – Entre Conhecimento e Epistemologia Negras e Indígenas depois, de 08 anos fora da faculdade.

Uma relação boa, pois já tinha estudado na Universidade, lugar onde sempre gostei de estar, um grande sonho voltar a estudar na UFT, nunca foi obrigada sempre fui com prazer, o interagir, o social faz parte de mim, busco conhecimento para a minha formação profissional para a minha vida.

Sempre tive desejo de estudar. Meus professores sempre incentivaram, eram atenciosos, lógicos sempre cobravam o melhor de nós. Nada é fácil e o que mais marcou a dificuldade de morar Muricilândia e ter que estudar em Araguaína foi sempre minha força de vontade de vencer.

Trago uma origem humilde, sangue cearense de ser uma pessoa que busca com muito sacrifício e movida por fé, esperança e luta o enfrentamento dos obstáculos. Minha família, minha base, meu sustento.

Meus pais sempre ajudaram muito, assim como para meus irmãos, meu pai meu companheiro de idas e vindas, minha mãe sempre em casa com meus filhos, meu marido meu companheiro de todas as horas que juntos estamos para alcançarmos cada fase de nossos objetivos.

A minha história e a da minha família, fazem parte dos meus projetos de vida. Hoje sou professora concursada na rede Municipal de Muricilândia e procuro passar aos meus alunos a importância de estudar, levando os mesmos um melhor aprendizado, indicando caminhos promissores e que nada vem por acaso, que temos que lutar e estudar bastante.

O mestrado, um sonho, um desejo de mergulhar inteiramente. Levar minhas raízes, resgatar história, pesquisar uma determinada área por meio de pesquisa mais complexo, o que hoje é um diferencial importante no mercado de trabalho, pesquisar aquilo que é real em minha vida e da minha família. O que me fez ingressar no mestrado, e meu desejo de pesquisar uma mulher incrível, uma história viva de Dona

Juscelina, a nossa sempre Mãe Celina.

Espero poder contribuir bastante, quero crescer profissionalmente, deixar um legado registrado, e assim poder seguir com essa pesquisa. Sem sombra de dúvida esse processo de formação como uma evolução na minha vida, só tenho a crescer. Minha expectativa é a melhor escolha tanto do curso como da Universidade, pois só vai contribuir com minha prática como docente.

Acredito que ser professor (a) é ter a possibilidade e a certeza de que todo o dia tem a possibilidade de mudar positivamente a vida de alguém, fazendo parte da história de cada uma das pessoas que também acreditam no poder da educação na transformação social.

1. INTRODUÇÃO

A minha trajetória histórica me levou a interessar pelo tema desta pesquisa tendo em vista minha ligação com a matriarca, sendo eu mesma uma “filha de pegação”, denominação criada carinhosamente por Dona Juscelina para referir as crianças que com o trabalho de Parteira ajudou trazer ao mundo. Estas crianças que na atualidade são adultos formados a tratam com “Mãe Celina” ou mão de pegação. A parteira tradicional é um trabalho feminino na realização dos partos naturais, e por ser a primeira pessoa a pegar na criança ao nascer, na tradição passa a ser considerada de mãe de pegação.

Esta pesquisa intitulada como “A parteira tradicional “Mãe Celina”: Desde o Parto À Benção aos Nacidos no Quilombo Dona Juscelina em Muricilândia - TO” estuda as narrativas sobre a história de vida da matriarca quilombola Dona Juscelina (*in memorian*), seu nome de registro é Lucelina Gomes dos Santos, na realização do trabalho de parteira tradicional. De forma, que evidencia sua trajetória no município de Muricilândia (TO), e analisa seus saberes tradicionais, métodos e técnicas envolvidos no processo de partejar e que foram adquiridos como herança cultural de seus antepassados.

1.1 DONA JUSCELINA FIO CONDUDOR QUE ALINHA VÁRIAS HISTÓRIAS

Inicamos esta capitulos com uma poesia de autoria da poetisa Sueli Marques Ferraz (2022) em homenagem a grande mulher que fora Dona Juscelina.

Entre rios e montanhas, lá dentro das brenhas como chamamos por aqui, um lugar difícil de ir, foi em 1960 que por lá dona Juscelina chegou. O custo era grande no lombo dos animais, veio do sertão do Maranhão pro velho sertão do Goiás.

Mulher forte e com sua gente dentro da matra entrou, foi habitar lá pra dentro pro rumo do Araguaia. Distante de tudo sem ajuda de quase ninguém, tornou-se a parteira da região, e menino panhou pra mais de cem. Juscelina que corria da roça para a cozinha, pegava menino e paria também, sabia lidar com as plantas não negava seu saber a ninguém. Benzedeira de tanta gente navegava rios e atravessava Campos, com piso forte para salvar sua gente. Juscelina de justa, seu conhecimento

ninguém tinha, e ensinou para universidade o poder que das plantas vinha.

Seus braços só erguiam em suas devoções, para agradecer ao seu santo com canturia e festança. Por esse sertão do norte quem Juscelina não conhecia? Só se fosse visitante, passageiro ou passante, porque o povo daqui para ela faz continência.

Como tudo não se pode prender, como tudo devemos deixar ir, Jucelina nos deixou em 2021, seu saber reconhecido pelos doutores das leis, a Universidade Federal do Tocantins uma honra lhe fez, tornando nossa doutora pelo muito que aqui fez (FERRAZ, 2022).

Esta seção tem a finalidade de apresentar Dona Juscelina, não como a lider quilombola apenas, mas a pessoa que tem na sua trajetória histórica uma missão de cuidar da sua comunidade. A história de Dona Juscelina se liga a história da comunidade, à resistencia e preservação da cultura e da tradição dos ancestrais. Neste sentido a seguir iremos descrever a história da parteira Dona Juscelina ou Mãe Celina como era chamada pelo seus filhos e suas filhas de pegação.

A matriarca também era chamada de obstetrix, isto é, a profissional especialista na fisiologia do parto. Buscava respeitar e promover a normalidade dos nascimentos através de partos naturais, pois a parteira tradicional busca atender às necessidades físicas e emocionais de mulheres no acompanhamento da gestação, do parto e do pós-parto.

O parto domiciliar é um direito reprodutivo reconhecido pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. A assistência ao parto por parteiras tradicionais é um saber feminino aprendido e construído por muitas gerações e transmitido por meio da oralidade bem como também da prática. Historicamente, essas mulheres vêm atuando em comunidades rurais, quilombolas e indígenas de acordo com as possibilidades, resguardando a memória, tradição e conhecimento milenar sobre o princípio da vida e do nascimento (TELESI, 2016).

Considerando os desafios do exercício da profissão, dos preconceitos e intolerância sobre os rituais realizados pelas parteiras, as negações da sua importância social e cultural, as (os) nascidas (os) pelas mãos de Dona Juscelina representam os laços de respeito e luta que esta possui para com seu povo e sua comunidade. As filhas e os filhos, nascidas (os) por suas mãos, criam uma relação próxima, que passam a chamá-la de “Mãe Celina” com o peso simbólico de ser Mãe, assim também, ela se declarava, como “mãe de pegação” das crianças que ela ajudou nascer. Por tal razão, a trataremos de (Jus)Celina no decorrer deste trabalho, pois,

para nós significa sua posição de matriarca quilombola e de grande mãe da comunidade.

A parteira tradicional é uma profissão a ser regulamentado pelo Projeto de Lei Federal nº 2.354 de 2003, O PL nº 2.354 de 2003 que dispõe sobre o exercício da profissão de parteira tradicional, de autoria de Janete Capiberibe (PSB/AP), encontra-se arquivado. (BRASIL, 2003), articulando esse trabalho ao Sistema Único de Saúde (SUS). Pelo referido projeto caracterizar-se a profissão de parteira tradicional pelo exercício das seguintes atividades, a saber: assistência pré-natal à gestante; assistência ao parto natural, em domicílios, casas de parto, maternidades públicas, bem como, prestação de cuidados à parturiente, à puérpera e ao recém – nascidos.

Durante a pesquisa observamos que não apenas Dona Juscelina exercia este ofício na comunidade, uma das que nos contaram também realizar parto foi a dona Maria Quirina. Sua neta foi uma de minhas interlectora. Outra também que realizava parto no período de Dona Juscelina era conhecida como Dona Moça. Neste trabalho nossa atenção se deu pelo trabalho de Dona Juscelina.

Portanto, trazemos para o diálogo a história de vida da parteira tradicional Lucelina Gomes dos Santos, conhecida como Mãe Celina e como a matriarca quilombola Dona Juscelina. Mulher negra, filha de Raimunda e Dionísio, era neta de uma escravizada, foi uma griot quilombola¹, quebradeira de coco-de-babaçú, raizeira, benzendeira, rezadeira, esposa, mãe, devota e romeira de Padre Cícero e do Divino Espírito Santo.

A matriarca quilombola já teve sua trajetória socioespacial estudada por pesquisadoras(es) desde trabalhos de conclusão de cursos de graduações, mestrados e doutorados em diferentes perspectivas. Porquanto, nesta pesquisa queremos compreender a mulher solidária que ajudou várias pessoas chegar ao mundo através da função de parteira tradicional, a qual desempenhou com qualidade.

Dona (Jus)Celina (*in memorian*), estudou até o 3º ano do ensino fundamental, de seu ventre foi mãe de uma filha Maria das Graças Gomes, Lucia e Neto (sobrinhos,) e os filhos da sobrinha Marcelo, Daniel, Lucileia e Lucilene (que são seus sobrinhos consanguineamente, além de filhos agregados), ficou viúva em seu segundo casamento, este último lhe faz brotar a saudade quando fala do falecido marido que

¹ Griôs e Griot's são homens e mulheres anciãos de comunidades tradicionais afrodescendentes que transferem seus conhecimentos às novas gerações através da oralidade.

foi seu companheiro de muitas lutas.

Sua atuação como parteira tradicional em Muricilândia (TO) e nos povoados próximos ocorreu durante 25 anos (entre as décadas de 1960-1980), e segundo Dona (Jus)Celina foram realizados 583 partos. Estes números de parto durante a pesquisa buscaram aferir, no entanto não foi possível, portanto aqui descrevemos como incerto tendo em vista que a própria Dona Juscelina diz não ter certeza. Compreendemos que essa atividade contribui com a construção social de laços comunitários da população de Muricilândia (TO), a partir do convívio entre a parteira, a mulher gestante e o pai da criança gerando relações afetivas de comadrios.

De tal modo, que Dona (Jus)Celina, utilizava seus saberes ancestrais para cuidar das mulheres parturientes, deixando seu legado de contribuição social na sua comunidade. Esta pesquisadora, também nasceu pelas mãos de Mãe Celina, que relatava ter sido um dos partos mais difíceis que ela já havia feito.

Dona (Jus)Celina recebeu como homenagens, o Título de Cidadã Muricilandense no ano de 2012 pela Câmara Municipal de Muricilândia. Em 2016, a Secretaria de Cidadania e Justiça (Seciju) do Estado do Tocantins lhe concede o Prêmio de Boas Práticas Humanas. E em 2021, recebe o Título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A presença de Lucelina Gomes dos Santos teve grande relevância em Muricilândia (TO), município localizado no norte do Tocantins, possui acesso pela Rodovia TO – 222, com distância aproximada de 449 km da capital Palmas. Em 2010 a comunidade quilombola localizada neste município, ao ser certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP, 2021), escolheu ser denominada pelo seu nome social, Dona Juscelina, que também se torna a matriarca do grupo social.

Desta forma, entendemos que a relação do trabalho social de Dona (Jus)Celina como parteira tradicional, está intrinsecamente relacionada com a formação da comunidade quilombola que recebe seu nome social. Desta forma, abordaremos também, a visão de como essa mulher negra e religiosa ascendeu como liderança de um grupo étnico, com orgulho de suas origens afro eminentes, por meio da luta para ajudar as mães a darem à luz às filhas e aos filhos.

Neste sentido, faz-se relevante o estudo com abordagens biográficas do trabalho de parteira tradicional de Dona (Jus)Celina, com o compromisso de rememorar a construção dos laços de comunidade formados a partir de sua atuação. As análises também possibilitam observarmos os modos de vida de povos

tradicionais, bem como as tradições e identidades firmadas em suas tradições, memórias e territorialidades. Trazemos uma análise inédita sobre a história de vida dessa matriarca quilombola, sua trajetória como mulher comum, mas que foi importante na construção da sua liderança sobre a comunidade quilombola que leva o seu nome social.

A proposta dialoga com a linha de pesquisa “Paisagens, Narrativas e Linguagens”, traz contribuições para as discussões que englobam narrativas orais e a relação entre a identidade étnico-racial quilombola com memórias de sujeitas que revelam trajetórias socioespaciais.

A pesquisa objetiva compreender o trabalho de parteira tradicional, exercido por Lucelina Gomes dos Santos (Dona (Jus)Celina e seus desdobramentos sociais em Muricilândia (TO). Sob essa ótica, apresentaremos narrativas das experiências vivenciadas pelas parturientes de partos naturais realizados pela matriarca, que a partir de então contribuem com a construção de laços afetivos.

1.2 Trajetoria da Pesquisa

Esta pesquisa está embasada em uma perspectiva interdisciplinar, conforme Pombo (2008) que compara a interdisciplinaridade como um imenso celeiro, em que aponta uma horizontalidade em relação às várias ciências estudadas em uma pesquisa. Entede-se que não existe hierarquia de saberes, todo conhecimento tem o mesmo valor para o pesquisador. Para a autora, a interdisciplinaridade também está na criação de novos objetos de conhecimento e conseqüentemente de novas ciências.

Pombo (2005) defende que existe um desgaste quando se trata da palavra interdisciplinaridade, produzido pelo uso exarcebado deste conceito em múltiplos contextos; seja epistemológico, pedagógico, midiático, empresarial e tecnológico.

Neste trabalho, que consideramos interdisciplinar, pois, sua construção atravessa histórias e memórias de um grupo social, seus saberes tradicionais principalmente no foco principal da pesquisa que é a atividade de parteira tradicional,, praticados por Dona (Jus)Celina. E assim, consideramos adequado mobilizar abordagens da antropologia e sociologia (Figura 1).

A pesquisa foi realizada em várias etapas, iniciado pela elaboração do tema, escolha da metodologia, busca de fontes e embasamento teórico, leitura e fichamento das fontes, análise do material coletado e por fim, a escrita do texto dissertativo que

apresentamos aqui como resultado final da pesquisa.

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica utiliza como fonte, produções científicas de estudiosos que se debruçaram para conhecer anteriormente o tema proposto. As fontes bibliográficas são: livros, publicações em periódico como jornais e revistas como também artigos, dissertações e tese de doutorados. Nossas principais fontes bibliográficas, foram narradas a seguir que são as dissertações produzidas por outras pesquisadoras sobre o Quilombo Dona Juscelina.

Alguns trabalhos acadêmicos abordaram temas sobre Dona Juscelina em várias dimensões, a líder quilombola, mulher de fé, manipuladora de plantas medicinais em seu quintal, e guardião da memória do grupo social a que pertence, são os seguintes trabalhos:

- a) Izarete da Silva Oliveira (2018) – “Território e territorialidade nos limites do rural e urbano, na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – TO” (dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins); que aborda sobre o processo de formação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, a demarcação territorial e o contexto histórico na formação do município de Muricilândia, tem a preocupação de narrar sobre os aspectos socioculturais urbano, apresenta estudo sobre os projetos “Quintal verde” e “Cinturão verde”, como também as políticas públicas relacionado às populações tradicionais. O trabalho desta pesquisadora traz a historiografia do povo quilombola e do povo negro brasileiro. Neste trabalho apresenta as crenças e ações de Dona Juscelina como presidente da Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.
- b) Katiane da Silva Santos (2018) – “Do Passado ao Presente: A festa 13 de Maio da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – TO” (dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins). A autora busca neste trabalho analisar e descrever a tradicional manifestação cultural da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, a Festa 13 de Maio, compreendendo como esta tradição se mantém dentro do território simbólico integrada ao território. Este festejo segundo a pesquisadora aponta influências do passado ao presente, através dos tempos, mesmo diante de um novo contexto esta tradição permanece se readaptando fazendo parte da identidade criando meios

de expandir formas de fortalecimento cultural. A festa de 13 de maio promove uma territorialidade imaterial, mesmo na ausência de um território concreto. Esta tradição é um elo entre o passado e o presente que proporciona ao grupo a produção de fronteiras culturais que consolida a identificação como categoria social quilombola.

c) Elaine da Silva Sousa (2021) – “Protagonistas de sua História: territorialidades femininas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO” (dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins). A pesquisadora busca identificar as protagonistas femininas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina; conhecer as territorialidades e identidades construídas pelas protagonistas femininas no Quilombo Dona Juscelina e refletir sobre o processo de construção da identidade da mulher quilombola e suas territorialidades; e caracterizar e espacializar as atividades das protagonistas femininas do Quilombo Dona Juscelina. A autora relata que as identidades das protagonistas do Quilombo Dona Juscelina estão em constante construção e reconstrução, suas territorialidades estão presentes em cada ação desempenhada dentro e fora da sua comunidade e, ainda, lutam diariamente pelo seu território ancestral e contra as barreiras in-visíveis do patriarcado.

d) Marcos Antonio Pereira Neto (2021) – “Territórios e Trajetórias Socioespaciais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – Tocantins” (dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás). O trabalho deste pesquisador tem a preocupação de identificar e compreender as trajetórias socioespaciais de romeiros e romeiras negras que migraram para a localidade onde hoje está fundado o município de Muricilândia (TO) e a Comunidade Remanescente Quilombola Dona Juscelina. O autor tem a preocupação de identificar a história da formação da referida Comunidade Quilombola. O recorte temporal do trabalho é de 1950 a 1960 e trata sobre o primeiro movimento migratório de princípio mítico-religioso das Bandeiras Verdes, convidando a uma reflexão sobre os deslocamentos de Dona Juscelina como segundo movimento migratório e a formação anterior do quilombo. Por fim o autor relata

a dinâmica sociocultural e territorial do Quilombo Dona Juscelina em sua atualidade.

- e) Jannete da Silva Milhomem (2021) – “Quintais Produtivos das Mulheres Quilombolas Griôs do Quilombo Dona Juscelina, Muricilândia-TO: Perspectivas de práticas e Culturas” (dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins). A pesquisa realizada por Milhomem (2021) tem como foco as práticas culturais dos quintais produtivos das mulheres de Muricilândia, sobretudo as Griôs. Percebemos neste trabalho uma ligação com a função de parteira de Dona Juscelina, tendo em vista que a Matriarca utilizava as plantas medicinais dos seus quintais para o cuidado com as mulheres grávidas. Outro ponto convergente entre estas pesquisas é o papel de Dona Juscelina como líder do Quilombo não apenas como presidenta do conselho, mas mesmo quando não ocupava o cargo sua palavra sempre tinha autoridade entre os membros da comunidade. O trabalho de Milhomem (2021) traz uma cartografia sobre os quintais produtivos, e, também apresenta relatos do falecimento de Dona Juscelina.
- f) Ruberval Rodrigues de Sousa (2017) - Pesquisador autor com título, Tradição e Cultura – Saberes Formais e Informais: Um estudo das Interrelações entre as escolas de Muricilândia e a Comunidade Remanescente de Quilombo Dona Juscelina (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura –PPGL, Doutorado em Letras junto à Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campos Universidade de Araguaína). Em 2017, para analisar como as escolas se apropriam das narrativas locais, atrelando os saberes informais presentes na tradição e cultura locais aos saberes formais ensinados nas escolas de Muricilândia – TO.
- g) Kamila Ferreira dos Santos, 26 anos, professora da rede estadual de ensino e mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins, formou em Letras (UFT-Araguaína) em 2017 com o trabalho de conclusão de curso intitulada “Representações da cultura quilombola nas narrativas de vida da matriarca e dos anciãos de Muricilândia-TO” – A autora teve a preocupação de observar e registrar as narrativas do povo quilombola Dona Juscelina. Analisando como os valores e ensinamentos aprendidos e transmitidos pela matriarca e os demais anciões deste quilombo são seguidos pela comunidade. A finalidade do trabalho

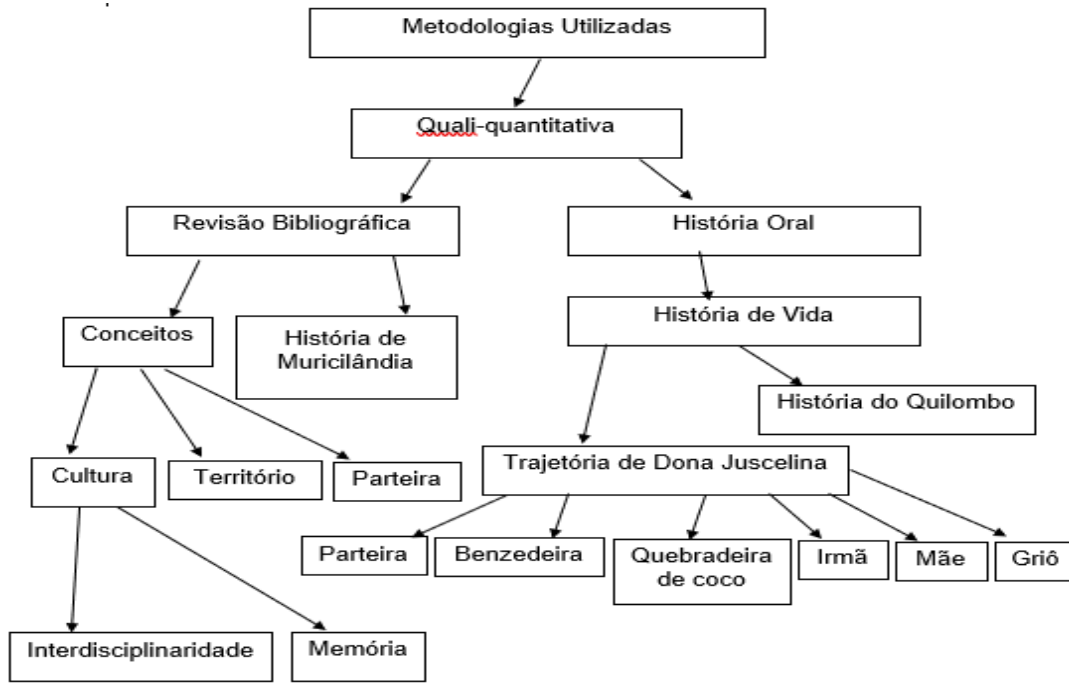
de Santos, foi questionar a forma que as narrativas de vida da matriarca dona Juscelina influencia e representam os sujeitos quilombolas do município de Muricilândia (TO). Esta pesquisa apresenta as formas de representações sociais de quilombo elegidas ao longo dos processos narrativos das histórias de vida da matriarca e dos anciões coletados mediante a técnica e metodologia da História Oral (THOMPSON, 1992). Observamos que os sujeitos quilombolas seguem os ensinamentos de dona Juscelina na prática contínua, ocorrendo através dos eventos, das danças, das músicas, do festejo da abolição e mediante as rodas de conversas dos anciões narrando suas histórias. Este trabalho apresenta a trajetória histórica de Dona Juscelina, evidenciando as narrativas das pessoas que dispuseram serem entrevistadas pela pesquisadora. Estas narrativas identifica uma mulher quilombola que transpõe as marcas da resistência e da luta de seus antepassados materializado nos festejos, nas reuniões e nas ações diárias -aconselhamentos, projetando nas pessoas desse município valores de pertencimento de ser/estar (no) quilombo. O conhecimento acadêmico da universidade junto a comunidade criam laços de emancipação, sem hierarquizar ou eleger conhecimento científico ou o cultural da comunidade quilombola.

A seguir, um mapa mental para uma melhor compreensão sobre nosso percurso metodológico (Figura 1).

Tendo escolhido o tema, nossa preocupação foi com a escolha da abordagem epistemológica metodológica para a realização da pesquisa. Marconi e Lakatos (2017) relatam que a ação de pesquisar de forma científica, acontecem seguindo várias perspectivas epistemológicas tanto da pesquisa qualitativa quanto a quantitativa ou que envolva as duas ao mesmo tempo.

Deste modo, no primeiro momento optamos por utilizar a abordagem de pesquisa qualitativa, por compreender que possibilita um aprofundamento do tema proposto. “[...] A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano [...]” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 269). Ao mesmo tempo entende-se que neste trabalho que indicam aspectos de pesquisa quantitativa tendo em vista que trabalhamos ainda com estatísticas e números tão importante quanto os outros dados. Diante desta problemática é necessário trazer um enfoque em uma abordagem múltipla que é definida como pesquisa quali quantitativa ou quanti qualitativa.

Figura 1. Percurso metodológico.



Fonte: A pesquisadora (2022).

Ao mesclar as duas abordagens é necessário, utilizar cada abordagem em momentos diferentes para coleta de dados e informações. No primeiro momento as análises são aprofundada sobre as fontes da pesquisa, a seguir busca a parte quantitativa através da tabulação para compreender os dados numéricos do trabalho. As fontes de pesquisa foram coletadas através de dados do IBGE 2010, buscamos dados ainda em dissertações de mestrados da Universidade Federal do Tocantins, outros locais que buscamos foi nos documentos da Associação Quilombola da Comunidade Dona Juscelina.

Considerando que os povos tradicionais são oralistas, e também com a finalidade de evidenciar a trajetória de dona Juscelina como parteira, nosso percurso metodológico mobiliza o método História Oral com técnica de História de vida, para melhor entendermos as nuances expressada pelas narradoras. A história oral se constrói entorno de pessoas, onde suas vidas são lançadas na história admitindo toda e qualquer pessoa desde líderes até desconhecidos do povo como sujeitos dessa história (THOMPSON, 1998).

Conforme Meihy (2001), a utilização da história oral como metodologia, possibilita ao pesquisador ter acesso ao documento vivo da memória, também conhecida como história viva, “[...] é um recurso moderno usado para elaborar documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoa e grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente [...]” (2001, p.11).

Trazemos intersecções dos marcadores sociais de gênero, etnia e raça, assim, este estudo aborda a história de vida. Nesta perspectiva, utilizamos entrevistas semiestruturadas, com a possibilidade de novas indagações, realizadas com dez mulheres quilombolas de Muricilândia (TO), além de mulheres de municípios próximos que possuem relatos de experiências, como: Joana Privino Gomes Santos, Leonice da Silva Ferereira, Maria Eurânia da Conceição, Maria das Graças Privino Ferreira, Maria das Graças Gomes dos santos, Maria Luiza Silva Santos, Cleonice dos Santos, Betânia Vieira da Silva, Rosa Mirtes Pereira de Sousa, Doralice Gomes da Silva. Vivências de mulheres com a parteira tradicional Dona (Jus)Celina.

Estas vozes são registradas através de gravações de áudio que após tratamento científico se transformaram em fonte de pesquisa, possibilitando assim a preservação da memória dessas comunidades tradicionais e que pode ter a

oportunidade de ter uma visibilidade sobre a sua história (ALVES, 2016).

Compreende-se um dos instrumentos capazes de colocar a interlocutora no papel de autora de suas próprias narrativas. Também por compreender que esse método história oral facilita conhecer melhor e profundamente os saberes e as práticas culturais desses corpos não hegemônicos, muitas vezes definidos como saberes insignificantes, não científico e não acadêmico. Nessa perspectiva, temos a expectativa da detecção de detalhes precisos da história de vida, tendo na subjetivação um componente necessário na coleta de dados e na percepção da realidade.

Foram muitos momentos na presença de Dona (Jus)Celina, uma mulher radiante com a vida, ao entrevistarmos ela sempre observamos o brilho em seus olhos ao falar tudo que fez em sua vida, principalmente nos partos que já tinha feito, era sempre bom ouvir-la, sempre falava que guardava muita coisa na sua cabeça. Ela sempre fazia muita questão da proximidade, contanto, olho no olho, era sempre muito bom ouvi-la. As atitudes de Dona Juscelina irão ficar pra sempre em minhas lembranças. Os relatos de Dona Juscelina, nos permitiu obtermos informações da realidade cotidiana do mundo da arte de partejar, pois os depoimentos nos trazem uma variedade de experiências, pensamentos e fatos que só elas, parteiras, conseguem explicar demonstrando saberes ancestrais construídos ao longo dos tempos, técnicas de tratamentos, conhecimentos que as parteiras sempre apresentaram como saber a posição do feto, o tempo de gestão apenas apalpando a barriga da parturiente, isso tudo com emoção e imaginação. E as conversas com ela sempre era um momento inesquecível. Para Paul Thompson 1992. p.25) “[...] Historiador oral tem que ser um bom ouvinte, e o informante um auxiliar ativo”, pois a história e a memória orais são construídas da vida e da experiência do indivíduo.

No mês de maio/2020, em uma conversa com a parteira tradicional Dona (Jus)Celina, a qual registramos em áudio, como sempre nos recebeu com muito carinho ao nos receber em sua casa. O método utilizado da história oral nos ajudou a entender e interpretar as narrativas da nossa interlocutora. Foi nesse momento que se estabeleceu o primeiro contato com as interlocutoras, para que tomasse conhecimento da nossa pesquisa, dos seus objetivos, o tipo de técnica utilizada para a construção do material empírico.

Esta dissertação é composta por quatro capítulos: O primeiro capítulo consta a Introdução; onde trazemos elementos que desenvolvemos no decorrer do texto, como foi realizada a pesquisa, passando pelas fontes e as metodologias utilizadas. No segundo capítulo, apresentamos informações sobre a protagonista deste trabalho, a Dona (Jus)Celina, sua religiosidade e seus destaques social. No terceiro capítulo abordamos a história do município de Muricilândia (TO), com narrativas sobre a história da comunidade quilombola que recebeu o nome de nossa protagonista, bem como discutimos sua trajetória socioespacial e sua relação com a cidade e o quilombo. No quarto capítulo, apresentamos as nossas interlocutoras, que são as mulheres assistidas por Dona (Jus)Celina, na realização de seus partos naturais, trouxeram profundas contribuições sobre as memórias sobre essa atividade realizada pela matriarca quilombola.

1.3 A construção identitária do Quilombo Dona Juscelina

Como narramos no subtítulo 3.2 à história de Muricilândia e a história de Dona Juscelina se entrelaça a partir de sua chegada e não separam mais mesmo após a sua passagem para outro plano, tendo em vista que sempre estará viva entre os moradores da cidade, sobretudo os quilombolas pelos seus feitos e o compartilhamento de sua vida com seu povo.

Dona Juscelina a partir de 1962, chega e se estabelece de corpo, alma e coração, se destacando com seus saberes e cuidados ao apoiar na realização dos partos das famílias, acudindo as mulheres em suas dores sendo sua atuação de extrema importância tornando-se a grande mãe da comunidade.

Neste contexto, compreendemos o conceito de território em Saquet (2010. p.34) “[...] o território é um lugar de relações a partir da apropriação e produção do espaço geográfico, com o uso de energia e informação, assumindo, desta maneira, um novo significado, mas sempre ligado ao controle e à dominação social”. Nesta perspectiva, o modo como está organizado o território nesta comunidade é determinado pelo uso feito por Dona Juscelina mulher que tem forte representatividade de cunho político e feminista.

Abordamos territorialidade em Rogério Haesbaert (2004) quando este assevera

que, “[...] a territorialidade além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significados ao lugar.” (HAESBAERT, 2004, p.03). Deste modo, a maneira como Dona Juscelina organiza e usa os espaços desenvolve os saberes tradicionais é de fundamental relevância para manutenção da ancestralidade e da cultura. Neste panorama, nasce a afeição do homem pelo lugar. A própria identidade está imbrincada no espaço que é apropriado e utilizado pelas pessoas, ao ser vivido, passa ter sentido e dar significado às suas vidas.

Dona Juscelina era uma mulher como outras que vivem no centro norte tocantinense e estabelecem seus territórios e tornam mulheres protagonistas de suas histórias, Entendemos que espaço é anterior ao território, ou seja, para Saquet (2007, p. 75) “[...] o território, dessa maneira, é objetivado por relações sociais, de poder e dominação, o que implica a cristalização de uma territorialidade, ou de territorialidades no espaço, a partir das diferentes atividades cotidianas”. Assim, o território em si materializa-se a partir das malhas, nós e redes de comunicação em coletividade, constituindo a territorialidade das mulheres quilombolas quando interagem entre si e com todos que busca seus saberes, além de parteiras, são mães, negras/indígenas, que realizam diversos trabalhos e são várias as interserccionalidades que lhes atravessam. Suas (re)existências são essenciais, pois em sua maioria atuam em locais onde o “Sistema de Saúde institucional” não “chega” e há falta de atenção à saúde da mulher em todas as etapas da reprodução.

Essa experiência de cuidado com a mulher (e não somente a ela, pois se estende ao recém-nascido e à família), antes, durante e após o parto, mostra o saber feminino acessado pela corporeidade e maternidade. Reconhecer as parteiras a partir do seu lugar de saberes, vivências e fala, oportunizando a visibilidade de suas narrativas, histórias e lembranças em seu território é problematizar as formas, técnicas e práticas de saúde consideradas não-científicas ou ultrapassadas. As técnicas, conhecimentos e práticas que foram transmitidos de geração em geração, aprendidos com as antepassadas, foi durante muito tempo e continua sendo uma estratégia de (re)existência de práticas e saberes.

Ao observarmos as memórias e história de vida da parteira Mãe/Dona

(Jus)Celina entendemos que essa profissão, é também uma forma de manifestação cultural, de identidade e ancestralidade negra quilombola. Representando nitidamente a cultura de seu povo, é um símbolo de saberes, cultura e ancestralidade da Comunidade, ou mesmo de Muricilândia (TO). Dona Juscelina ou Mãe Celina é a base estrutural da Comunidade Quilombola que leva seu nome. Simbolicamente, a Parteira é referência de liderança, conhecimento, representatividade, vigor e força. Mantendo laços de afetividade e cuidado para com todos(as) os(as) nascidos(as), que por suas mãos mantém uma relação de proximidade, pedem sua benção e a chamam de Mãe. Demonstrando uma relação de respeito, hierarquia, simbolismos e significados.

Nessa perspectiva Carlos Porto-Gonçalves (2009) afirma “que território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele”. Sendo assim essa Parteira firmou seu território dentro da comunidade local e regional (na região do rio Murici até as margens do Rio Araguaia).

Sob essa ótica, as relações sociais, seus costumes, rituais e modos de vida frente às adversidades, o universo de preconceitos e rejeição se mostra relevante pesquisar os saberes e práticas de parteiras através da história de vida dessa mulher feminina tão representativa e atuante. Este trabalho é importante por possibilitar uma pesquisa científica sobre os modos de vida de povos tradicionais, bem como as tradições e identidades firmadas em suas tradições, memória e territorialidade.

Esboçar uma discussão sobre territorialidade, ao dialogar com Saquet (2007, p.115) traz uma definição aprofundada,

[...] a territorialidade é um fenômeno social, que envolve indivíduos que fazem parte de grupos interagidos entre si, mediados pelo território; mediações que mudam no tempo e no espaço. Ao mesmo, a territorialidade não depende somente do sistema territorial local, mas também de relações intersubjetivas; existem redes locais de sujeitos que interligam o local com outros lugares do mundo e estão em relação com a natureza. O agir social é local, territorial e significa territorialidade.

Esta mulher negra, descendente de escravos, que quebrou coco, colocou roça, realiza desde 1968 o aclamado Festejo da Abolição no dia 13 de maio até o ano de sua morte, Dona Juscelina relatava com orgulho sobre a primeira festa que fez em

Muricilândia (TO) em 1968; “[...] eu levei, arrumei uma moça no lugar da Princesa Isabel porque eu comemoro o dia com felicidade, o dia que acabou com a escravidão no Brasil[...]”. (Dona Juscelina. VII SCAbQ da ACQDJ, 2018). Neste dia Toda a comunidade se empenha desde a organização até a realização e sempre a personagem histórica é a princesa Isabel. E reforça os laços com a cultura negra, protagonista nas transferências dessas memórias com teor de ancestralidade africana, por meio da oralidade repassa aos demais habitantes e se ergue como ícone desse grupo. Dona Juscelina foi também uma das Parteiras mais solicitadas da região. A história de Muricilândia e de Dona Juscelina se entrelaçam, suas trajetórias se misturam constituindo a formação sociocultural e territorial desse município.

Se o país em que vivemos é resultante de uma colonização, onde uma parte da população foi marginalizada e sua corporeidade é um marco dessa marginalização, o corpo negro e generificado carregam marcas da opressão sofrida, se tornando mais uma vez, uma forma de identificação e expressão como descendência da diáspora. E assim, o ato de partejar, de cooperação, solidariedade nos e para os corpos negros femininos; experiência colaborativa e de cuidado integral entre mulheres, é, portanto, um ato de (re)existência. (HALL, 2006).

Neste sentido, Hall (2006) fala que uma das concepções de identidade trata-se do sujeito sociológico, onde a cultura é entendida pelo autor como – valores, sentidos e símbolos, influenciando os sujeitos por sua interação com a identidade que está inserida. Assim ao explicitar a relevância de resguardar essa identidade, fortalecer as memórias de conhecimentos de 25 anos realizando partos, aos quais derrama até a atualidade suas bençãos, sim, pois todos os seus “filhos de pegação” fazem o pedido de “benção Mãe Celina!”. A mesma com muito orgulho de dizer sobre os(as) seus(suas) filhos(as) que são tantos, que através dos rituais praticados por dona Juscelina, como usar roupas brancas, toalhas e lenço branco durante o parto traziam ao mundo com vida e saúde. Meninos e meninas tão frágeis, hoje são pais e mães também. Ela não teve conhecimento formal para esse ofício, mas com ensinamento de seus ancestrais, através de seus rituais e fé, para garantir a integridade das mães e os bebês. Até o aparecimento da medicina moderna, as mulheres pariam seus(suas) filhos(as) em casa, e eram assistidas por outras mulheres que sabiam “aparar crianças”.

Os acontecimentos acerca da gravidez, do parto e do cuidado com as crianças eram decifrados por práticas e gestos de uma cultura essencialmente feminina, que ainda trilhava equidistante ao olhar da Medicina. Assim demonstra Del Priore (1993), pois as práticas que envolviam “o parto das mulheres no Brasil colonial eram um evento de mulheres; revela também que a situação agonizante gerada por um parto difícil requeria a participação da vizinhança”, tornando-o num evento coletivo. Entendemos desta maneira, que as Parteiras tradicionais agiam como detentoras de conhecimentos e técnicas do passado sobre a saúde da mulher.

Dona Juscelina era uma mulher que sabia eternizar sua memória, quantas vezes ouvir suas histórias de vida, ela sempre repetia que sua vida era como um romance. Ela sabia o quanto representava para a cultura afrodescendente que desejava manter viva, carregava consigo suas tradições, memórias, saberes e fazeres. Fica satisfeita em deixar registrado o seu legado, com seu exemplo o qual buscaremos entender. Conforme Pinto (2001, p. 326), o parto pode ser visto por duas óticas, a da mãe e da parteira, para a primeira o parto atua como o “iniciador da maternidade” e para a segunda “transforma-se num momento canalizador de energias místicas, quando a confiança divina e a crença no sobrenatural servem de inspiração”.

Nesse contexto, este trabalho busca compreender o significado da experiência do parto natural em domicílio, a partir da história de vida de Dona Juscelina. Apreciando território enquanto vivido, substantivado por relações, homogeneidades e heterogeneidades, interação e conflito, localização e movimento, identidades, representações, terra, relações de poder, religiões, instituições, diversidade, unidade e (i)materialidade (SAQUET, 2009). Assim, pesquisar a experiência de cuidado à mulher é também decompor a cultura, os saberes e as identidades dos sujeitos.

Dona Juscelina chegou em Muricilândia no ano 1962, junto com o seu pai, mãe, irmãos, sobrinhos, sua filha, cunhados e outros parentes. Onde viveu até seu falecimento em 2021, conforme narra sobre os motivos da migração para este lugar e como foi o percurso.

[...] Eu vim por interesse de meu pai, que veio vê o Goiás [...] Saimos dia 01 de julho de 56. Aí fizemos essa viagem e fumo chegar no dia 07 de setembro em Cristalândia [...] às 6 horas da tarde. Apesar que nós era de a pé tudim, e viajemos dois mês e sete dia. Mas pra mim foi uma beleza, quando nós chegemos em Cristalândia. Eu: pai já

está passando de hora de ir buscar os animais! Minha fia, já chegemos! Nós vinha por dentro pela linha do fio, aqui e acolá nós saía da linha. Toda vida de a pé! Só quem vinha muntado era a mamãe, era doente de uma perna...e os menino de três anos pra baixo. Tudo era correndo, os de cinco ano nós botava no meio da carga. Mas as carga era tudo cheia, de tanta verdura que a gente passou no sítio. Nós nunca sintimo a viagem! (exalta a voz) Nós nunca tinha feito uma viagem, mas nós num sintimo. Porque intestia só nas frutas. Papai só parava no dia que ia comprar a matula! Uma vaca. Aí passava esses dois dias pra carne muchar. O certo que cheguei praqui, cheguei em Cristalândia, eu nunca pratiquei o meu trabalho! Cidade de garimpo, muita morte! Aí minha irmã morava aqui, ela me deu notícia ainda lá em Cristalândia. E eu vim. Pedir a confissão para o Frei na Catedral: pois amanhã vou viajar lá pras matas, lá é o Murici da Velha! Aqui não era Muricilândia, era Murici da Velha! Eu passei praqui, eu entrei e fazia minha festinha do 13 de maio! Às vez com cem pessoas. Em 68 eu fiz a primeira festa! Preparei a princesa Izabel, foi no andor! (exalta a voz) Aí já deu trezentas pessoas, o que me deu muita força! (Matriarca Dona Juscelina, entrevista cedida em 25 de janeiro de 2018).

Durante a pesquisa tivemos a oportunidade de ouvir suas narrativas, foram tantos momentos, ouvi choros, risos, aprender bastante, Dona Juscelina viveu histórias de sofrimentos ao longo de sua vida, mais também viveu muitas lutas, nesta comunidade. Notava-se em sua fala fala, a comoção em Murucilândia fez sua história, venceu cada etapa, com todo engajamento foi conquistando seu espaço traz luz, empoderamento.

Dona Juscelina revolucionou o ambiente, chega com o ofício de Parteira, mas uma coisa importante para seu extenso currículo é de ser a nossa Doutora Honores causas, enquanto Parteira pegou 583 crianças sendo que o momento do parto, ela é mãe, comadre dos pais das crianças. Ela rodou esteve em todas as parte território do Quilombo Dona Juscelina para da vida, trazer crianças auxiliando no parto, pós partos, com esta trajetória consolida como uma grande líder na Comunidade e região.

2. PRÁTICAS CULTURAIS DE PARTEIRAS TRADICIONAIS NO BRASIL E DE DONA JUSCELINA NO ATUAL MUNICÍPIO DE MURICILÂNDIA (TO)

Neste capítulo o foco de nosso trabalho é apresentar o conceito de profissão ou função das parteiras em geral no Brasil e ao mesmo tempo contextualizar mais este legado histórico sobre a Dona Juscelina, como uma mulher dedicada ao cuidado da saúde das mulheres parturientas, e responsável por trazer ao mundo centenas de crianças como será detalhado a seguir.

Segundo Mércio Pereira Gomes (2009, p.35.) “Cultura é o modo próprio de ser do homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconsciente, constituindo um sistema mais ou menos coerente de pensar, agir fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se” Como descrito a seguir.

Cultura e aquilo que está por trás dos costumes e das atitudes de um povo. Aqui o conceito de cultura se intelectualiza, torna-se abstrato. Esse aquilo que está por trás constituiria um sistema ou estrutura inconsciente que determina o modo como as pessoas se comportam, pensam e se posicionam no mundo (GOMES, 2009. p. 35).

O conceito é amplo e pode ser dividido em várias partes, entretanto é possível afirmarmos que a cultura é o resultado da interação do homem, ora consciente, ora inconsciente e que resulta num complexo que rege a vida de pessoas com traços em comum sejam étnicos, linguísticos ou que dividam o mesmo espaço físico.

Para Geertz (1978), a cultura é uma teia de significados construída pelo homem formado por um sistema de símbolos que possibilita a compreensão entre os indivíduos. É fato que os rituais, os símbolos, o comportamento e outros elementos que forma esta teia chamada cultura é o que nos diferencia dos demais animais. Assim era Dona Juscelina não vivia isolada vivia sempre aprendendo, sempre acreditado em um mundo melhor, um mundo de igualdade, lembrando que um mundo sem cultura é um país sem identidade.

Assim definimos essas narrativas no que aponta Stuart Hall (2002) sobre cultura e representação, nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos as emoções que associamos

a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos.

Entretanto, surge uma questão: qual é a base da cultura? Conforme afirma Mércio (2009) é a forma de agir e ver o mundo coletivamente; não poderíamos, portanto, considerar aspectos isolados como a genética ou mesmo étnico-sociais, o que emoldura essa relação é um código estabelecido socialmente conhecido como Língua.

Diante deste pensamento entendemos que Dona Juscelina, era uma mulher que trazia consigo tradições e representações, transmissão de saberes e fazeres trouxe heranças para seu meio. A oralidade é sua forma de transmitir saberes. Essas experiências potencializou seu modo de vida. A história de vida valoriza o indivíduo como ser específica que tem sua própria experiência, mas também como pessoas, isto é, como indivíduo portador de atributos sociais.

A partir de tais apontamentos históricos, podemos entender que algumas marcas simbólicas que são identificadas através das memórias de Dona Juscelina são relevantes na tentativa de significar alguns aspectos indenitários que fazem parte de sua história confunde muitas vezes com a própria história do município de Muricilândia (TO) com seus moradores, constituindo-se, dessa forma, como uma herança de significados, ligados diretamente à memória e à questão do pertencimento. Desse modo, essas memórias são importantes nos processo de formação idenitárias.

Assim, a memória e a identidade cultural de Dona Juscelina fizeram parte de um conjunto de fatores que pode contribuir para a organização do processo e do sentido histórico da comunidade. Candau (2016) admite-se geralmente que memória e identidade estão indissolvelmente ligadas, O segundo tipo de memória descrito por Joël Candau é a memória propriamente dita. Trata-se da evocação ou recordação voluntária.

Dona Juscelina carregava pedaços do passado, ressignificados no presente, assim ela tinha a capacidade de conservar e relembrar experiências e dava informações relacionadas ao passado, era por meio de sua memória e lembrança que se sentia feliz contando suas experiências de vida como parteira tradicional, ela tinha uma capacidade de lembranças principalmente quando se colocava diante de pessoas, sua memória era a fonte de ligação social, pois integra o presente ao

passado.

A parteira tradicional é uma profissão a ser regulamentado pelo Projeto de Lei (PL) Federal nº 2.354 (BRASIL, 2003), articulando esse trabalho ao Sistema Único de Saúde (SUS). Entretanto, esse PL que propõe regularizar o exercício da profissão de parteira tradicional, encontra-se arquivado.

A cultura de parterias tradicionais no Brasil a partir da perspectiva de Caixeta (2014) Contrapondo com trabalho de Giselle Machado Barbosa a obra das Parteiras Legalizadas nos documentos da Fisicatura Mor (1808 – 1828). Este capítulo tem como objetivo problematizar a importância das parteiras na vida das mulheres brasileiras.

O trabalho das parteiras no começo do século XIX era bastante amplo, não se restringindo apenas a ajudar outras mulheres a darem a luz. Elas exerciam, ainda, uma série de outras funções. Além de auxiliar nos trabalhos de parto, elas cuidavam da saúde das gestantes e não-gestantes, participavam dos primeiros cuidados com o recém-nascido, prescreviam medicamentos a base de ervas, entre outras atribuições. A principal atividade da parteira relacionava-se com todas as etapas da gestação, desde o cuidado com a parturiente até os primeiros estágios do recém-nascido.

Dona Juscelina foi uma parteira que cuidou muito bem de minha mãe e demais mulheres, tinha grandes saberes, ela sempre nós abençoava com muito carinho, que seus olhos brilhavam. Não lembro de expressão de tristeza no olhar de Dona Juscelina, embora sabíamos de sua luta constante, muito solidaria, animada, disponível queria sempre ajudar, mesmo idosa, sob o peso da sua idade, cansada, nunca negava ajuda a quem precisava. Ela sempre cuidou muito bem das crianças e das mães na hora do parto era muita experiênte e de inteira confiança das mulheres e familiares. Sempre os partos era um acontecimento que causava grande preocupação, medo. A Parteira doava seu tempo, era dedicada, amorosa, rezava e pedia proteção à Deus. As maiorias das mulheres que ela atendia eram carentes não tinham como cuidar da saúde. Eram as parteiras que iam de casa em casa, acabavam sendo as médicas populares, e que tinham o papel de ajudar no nascimento, além de dar orientações à mãe sobre alimentação e cuidados básicos com o bebê, ela também auxiliava no trato de doenças femininas.

Dona Juscelina sempre indicava remédios naturais, muitas de seu próprio quintal à base de ervas, e prestar outras recomendações quanto à saúde da mulher, procuravam também aconselhar as mulheres, ela permanecia na casa da parturiente após o nascimento da criança e acompanhavam a mãe e o recém-nascido, até os sete dias, indicando dieta e como se deveria realizar o aleitamento materno.

2.1 Mãe Celina: uma parteira tradicional

Dona (Jus)Celina, nunca mediu esforços para atender a comunidade com seus saberes de parteira tradicional adquiridos pela sua ancestralidade, como também os seus saberes como raizeira (manipuladora de plantas medicinais), além de ser benzedeira, pois, sua religiosidade católica muito devota mas também apresentando traços das religiões afro, que acreditamos fazer parte dos saberes tradicionais, isso pode perceber nos elementos do altar que a Matriarca sempre teve na sua casa. Devota do Divino Espírito santo ela trazia as rezas para o processo de tratamento antes, durante e pós-partos. Todos esses elementos trabalhados pela matriarca amenizaram a dor de muitas mulheres assistidas por ela.

Os partos naturais acompanhados pela parteira tradicional (Jus)Celina, envolvia o ritual de pré-parto (acompanhamento da gestação), durante e o pós-parto (resguardo). Em todo processo eram aplicados seus métodos e técnicas de cuidados da saúde das gestantes, das parturientes, das(os) recém-nascidas(os) e familiares.

Além das longas caminhadas por lugares ermos e da carência de recursos básicos da população, as parteiras sofrem sono, fome, recebendo em troca apenas a recompensa de fazer o bem, de auxiliar as pessoas nos momentos que mais precisam. Há ocasiões em que passam horas, dias ou até semanas na casa da parturiente (PINTO, 2002, p. 443).

Considerando os desafios do exercício da profissão, dos preconceitos e intolerâncias quanto aos rituais realizados pelas parteiras tradicionais, e as negações da sua importância social e cultural, as(os) nascidas(os) de Dona (Jus)Celina representam os laços de respeito e luta que esta possui para com sua comunidade. As/os “filhas e filhos”, nascidas(os) por suas mãos, aos seus cuidados, criaram uma relação próxima, que passaram a chamá-la de “Mãe Celina”, com o peso simbólico de

ser Mãe de seus “filhos de pegação”, pois assim, era como ela se definia em relação as crianças as quais ajudou nascer através do trabalho de parteira.

Compreendemos que a atividade de parteira tradicional contribuiu com desdobramentos sociais de assistência à saúde e com a construção de laços afetivos, a partir do convívio entre a parteira tradicional, as mulheres gestantes e os pais das crianças gerando relações de comadrios. De forma, que as relações sociais comunitárias da população de Muricilândia (TO), foram cada vez mais fortalecidos entorno da matriarca.

Dona (Jus)Celina se destacou por apoiar diversas famílias através da realização dos partos naturais, acudindo as mulheres em suas dores, sendo sua atuação de extrema importância, que a tornou a grande mãe da comunidade, por ajudar a trazer tantas vidas ao mundo, o sentimento de mãe/avó, de mulher que ama os seus e liderança em defesa de sua ancestralidade afro. Neste contexto, a Matriarca foi definida com precisão por Ratts (2020) “[...] uma biblioteca aberta [...]”. Fica mais evidente no relato de sua única filha (nascida do ventre) conhecida como Dona Quita, que fala emocionada dos cuidados que sua mãe tinha com todos.

Minha mãe cuidava tão bem das mulheres e que graças a Deus ela nunca passou uma mulher morta pela a suas mãos ela fazia tudo que podia logo ela era muito religiosa, tinha muita fé, ela não se cansava, nem fica dizendo que tava cansada, mia mãe foi uma mulher guerreira. O carinho com seus filhos que ela pegou era muito bonito. Ela era muito feliz em fazer parto. As pessoas sentiam muito orgulho de minha mãe. Eu como filha única sinto muito orgulho de minha mãe (Entrevista: Maria das Graças Gomes, 2022).

Observa-se na fala da Dona Maria das Graças Gomes, a admiração pelo trabalho de sua mãe, pelo legado que ela deixou na comunidade e pela forma com atendia as pessoas, isto se fortalece com a falas das demais entrevistadas que constam nesta pesquisa, uma mulher de fé que dedicou a sua vida à solidariedade e ao cuidado com o próximo.

A Figura 2 mostra uma mulher forte que ocupava seu espaço de liderança, trazia o conhecimento acumulado pela prática e mantinha seus saberes tradicionais, preocupava-se com o futuro da comunidade. Entendemos que sua atuação de parteira tradicional contribuiu com a construção desse futuro, tendo em vista que é pela suas

mãos que passou várias crianças que vieram ao mundo por causa de sua dedicação ao seu trabalho.

Figura 2. Lucelina Gomes dos Santos – Dona (Jus)Celina (*in memoriam*).



Fonte: Comunidade Quilombola Dona Juscelina (Facebook, 2021).

A atuação de Dona (Jus)Celina como parteira tradicional foi fundamental, pois, o povoado em que atuava, o atual município de Muricilândia (TO), na época distrito do município de Araguaína (TO) com uma distância de 65 Km, encontrava-se em situação precária de assistência à saúde da população, foram tempos de muitas dificuldades, e haviam poucos carros no povoado o que dificultava ainda mais os translados em casos de urgências.

Dona (Jus)Celina era a por muitas vezes a única opção para muitas mulheres, que colocavam em suas mãos as próprias vidas e a vida das (os) filhas (os) que estavam por nascer. Estava sempre e ativamente presente, tornando-se uma referência para o povo da comunidade, assim relatou: “[...] essa atividade é algo que aprendi sozinha [...]” (*Entrevista: Lucelina Gomes dos Santos, 2020*).

Enquanto parteira tradicional, a matriarca afirma ter realizado 583 partos. Foi muito conhecida e solicitada pelo seu trabalho no povoado e região do atual município de Muricilândia (TO). No tabela 01, citamos algumas famílias assistidas por Dona (Jus)Celina e o número de partos naturais por ela realizados em cada núcleo, uma amostragem que devido as condições pandemicas não foram possíveis levantar.

Tabela 01. Levantamento de algumas famílias assistidas em partos naturais por Dona (Jus)Celina (*in memorian*) no atual município de Muricilândia (TO).

Muricilândia (TO)	
Nome da Família	Quantidade de partos naturais realizados
Família Martins	04
Família do Vieira (Dadá Griô)	04
Família Brito	05
Família Matos	07
Família Novais	02
Família Pereira	13
Família Dourado	01
Família Privino (Cearense)	21
Família Sousa	08
Família Lima (Olegario)	03
Família Borges	01
Família de Gomes (Dona Juscelina)	13
Família Cruz	08
Família Braga	03
Família Pereira	01
Família Lima	02
Família Lopes	03
Família Santos	04
Família Ferrerira	05
Família Santos (Setor Nova Muricilândia)	02
Total de famílias assistidas: 21	Total de partos naturais realizados: 110

Fonte: A pesquisadora (2022).

Dona (Jus)Celina atendia as suas assistidas parturientas durante o pré-natal, com visitas e indicações de banhos, chás, massagens, dieta alimentar, e através dos seus saberes tradicionais ela conseguia identificar como que a criança estava reagindo na barriga da mulher gestante. Dona Juscelina era uma mulher muito sabia, muito experientes cheia de sabedoria, no parto ela tinha todo um cuidado, usava para os aceio da mulheres paridas cozimento do entrecasca de caju, folha de manga, para que as mulheres pudesse lavar as partes intimas, assim cicatrizava mais rápidos. O aceio na bacia sempre da cintura para baixo.

Já nas crianças recém nascidos, ela usava somente água norma no banho. Para os chá ela usava alfazema e erva doce para calmante, e evitar cólica nos bebês. Já para as mães muitas vezes ele prepara preparava água inglesa com pichuruco e noz moscada, para limpeza no útero, para tirar todo resto de parto, para diminuir os inchaços, assim como o efeito diurético. Ela também usava pinga queimada com

arruda serve para limpar útero e evitar corrimento nas mulheres.

Sumo de Algodão, na prevenção de hemorragias e no combate de infecções das mulheres, algodão era uma planta muito típica aqui de Muricilândia, hoje está mais difícil de ver.

Dona Juscelina sempre fazia massagem nas mulheres grávidas antes de parir, para aliviar as dores, relaxamento, ela começava pelas cadeiras e depois na barriga das mulheres, para posicionar a criança na posição certa de nascer, Dona Juscelina também fazia muito bem esse papel auxiliava muito bem as mulheres, para que o parto fosse perfeito sem complicações.

A partilha da maternidade é seu encargo, missão e dom, direcionada ela é, nestas margens da comunidade local, a ser a companheira do ato de fazer-se mãe de uns recém-nascidos. No quadro 01 iremos abordar sobre as diferenças entre o parto natural e o parto cesariano realizado pela medicina convenciaolal seguindo o resultado da pesquisa da enfermeira Ana Karla Bezerra da Silva Lima e os enfermeiros Albeniz Campos Vicente e Carlos Bezerra de Lima publicado na revista temas em saúde em João Pessoal em 2017. Sobre o parto com parteira são informações contruida a partir das narrativas de mães que foram atendidas por Dona Juscelina.

Quadro 01. Comparativo entre medicina tradicional e convencional

CICLO DE GESTAÇÃO	MEDICINA CONVENCIONAL		MEDICINA TRADICIONAL
	Parto Natural	PARTO CESARIANO	Parteira
PRÉ NATAL	<p>Sobre realizar um nascimento e parto normal de maneira mais natural, espontânea, com maior participação da gestante e do casal nas escolhas, atitudes, e tomadas de decisão, quando a mulher exercerá uma atitude ativa e colaborativa durante todo o processo do parto.</p> <p>Não se propõe apenas a realizar os exames básicos de sangue e urina da mãe, a controlar seu ganho de peso, de medir a pressão arterial, ouvir suas queixas e tirar algumas dúvidas.</p> <p>Devemos aproveitar esta oportunidade para cuidar do estado de saúde da mãe de um modo completo e integral. Além de realizar as vacinas necessárias na gravidez.</p>	<p>É no Pré-Natal certinho que o medico descobre as condições que o bebê está, no pedido de uma ultrassom, que os médicos observam se a mãe pode ter o bebê normal ou não.</p> <p>Os médicos fazem de tudo para que as grávidas possam ter filho normal. No período do Pré-Natal são realizados vários exames, para que o parto ocorra sem nenhum risco, nem para a mãe e nem para a criança.</p> <p>Um Pré-Natal bem acompanhado facilita a vida. Em muitos casos tem mulheres que não sentem dor, precisam tomar injeção para vir a dor, por isso em muitos casos as mulheres preferem ter parto cesáreo.</p>	<p>O Pré-Natal na época de Dona Juscelina, era um acompanhamento através de diálogo informativo, ela explicava como as mulheres deriam se comportarem durante a gestação, sempre orientado para a grávida não dormir muito na gravidez, para não ter dificuldade no parto, as grávidas não podiam sentar em lugares quentes, para não ter dor segundo ela dor velha, (inflamações).</p> <p>Quando a grávida sentia azia tomava leite de gégilim pizado no pilão. Sempre ela fazia visitas, sempre perguntava sobre a comida, se sentia dor de cabeça, no pé da barriga, se o bebê mexia. Assim era o pré-natal.</p>

Quadro 01. Comparativo entre medicina tradicional e convencional (continuação)

CICLO DE GESTAÇÃO	MEDICINA CONVENCIONAL		MEDICINA TRADICIONAL
	Parto Natural	PARTO CESARIANO	Parteira
PARTO	<p>O parto normal é a via de nascimento dos bebês que se dá de forma natural, através da vagina da mãe. Em outras palavras, é o desfecho de uma gravidez, quando o feto sai do útero materno sem a necessidade de procedimento cirúrgico, como acontece na cesariana. À medida que o útero contrai e o bebê pressiona para baixo, o colo do útero fica mais fino e aberto para permitir a sua passagem. É comum que, mesmo antes do trabalho de parto se iniciar, o colo do útero perca o tampão mucoso (que pode vir com um pouco de sangue) e apresente uma dilatação de 2 a 3 centímetros. Porém, é somente na fase ativa do trabalho de parto que a dilatação progride — a uma velocidade de, aproximadamente, 1 centímetro por hora, até alcançar os 10 centímetros necessários para o nascimento do bebê. As contrações vão ficando mais fortes e mais longas, chegando a durar de 60 a 90 segundos e acontecendo a cada 3 ou 4 minutos.</p>	<p>Cesariana ou parto cesárea é uma forma de nascimento de bebês por via cirúrgica, normalmente indicada quando há risco para realização de um parto normal. Geralmente um parto cesáreo dura cerca de 60 minutos. cesariana não é sempre isenta de riscos. Também exige maior tempo de internação e resulta em pós-operatório que requer mais cuidados nos dias ou semanas seguintes.</p>	<p>Quando as Mulheres estava já sentia dor, Dona Juscelina chegava rente com sua caixinha de utensílios, onde a mesma já passava a cuidar da gestante ate o bebê nascer, ela fazia chá, conversa, orientava, rezava, ajudava a família que muitas vezes ficava aflita. Sempre massagiava a barriga da grávida, para que a criança ficasse no lugar certo. Ela fazia de tudo para que o parto saísse bem, ela cuidava muito bem do bebê após o nascimento, geralmente ate o umbigo da criança cair.</p>

Quadro 01. Comparativo entre medicina tradicional e convencional (continuação)

CICLO DE GESTAÇÃO	MEDICINA CONVENCIONAL		MEDICINA TRADICIONAL
	Parto Natural	PARTO CESARIANO	Parteira
RESGUARDO	Durante o resguardo, a mãe deve evitar o uso de drogas ilícitas, tabaco e álcool. Além disso, o uso de qualquer medicamento deve ser previamente autorizado pelo seu médico, já que algumas substâncias impossibilitam a amamentação, e uma boa alimentação.	No resguardo de uma cesariana e recomendável, evitar pegar peso e dirigir pois pode aumentar a dor e desconforto no local da cicatriz. Evitar alimentos reimosos, antes de 20 dias, não é recomendado fazer grandes esforços físicos, nem pegar peso que seja maior que o peso do bebê. O resguardo pode durar 40 dias, Esse é o tempo que o útero necessita para cicatrizar corretamente as lesões provocadas pelo descolamento da placenta, reduzindo o risco de infecção. É aconselhado que a mulher volte a ter relações sexuais apenas após liberação do médico e quando se sentir preparada física e mentalmente.	É um período de cautela que implica em recomendações, daí os alimentos “remorsos” (alimento que possam provocar alguma inflamação) serem proibidos. A alimentação deve ser apropriada, isto se constitui em preocupação constante das parteiras. Para elas, no pós-parto a mulher fica vulnerável se comparando com o estado menstrual, sujeita a ordem natural; este se vincula a doenças que podem atingir e levar mulheres a morte. Entre, a hemorragia que é também uma possibilidade do parto “subir para cabeça”. Daí a necessidade de serem acompanhadas por parteiras durante oito dias consecutivos. Guardar o resguardo até quarenta dias faz parte da tradição de algumas comunidades que ainda preservam todo o ritual do pós-parto. O resguardo é uma fase em que a mulher cuida de si e do seu filho, na perspectiva de recuperar as forças necessárias a seu bem-estar e reestruturar-se a nova condição de mulher-mãe. Neste período, além dos cuidados supracitados é importante destacarmos o conhecimento das parteiras em relação as ervas, com os preparos dos chás, bem como da crença em Deus, com seus rituais e rezas como forma de curar as doenças.

Fonte: Privino, 2022

Diante dos relatos apresentados nos quadros sobre o ato de parturir, entendemos que Dona Juscelina desfruta de credibilidade nesta comunidade, reconhecida como uma sábia com o seu saber próprio e, ao fazer uso deste saber, mesmo que reiteradamente elas considerem esse saber como um dom divino, esse conhecimento do processo de fazer partos e todo o cuidado com mães e bebês se construía oralmente. Apesar de sua dedicação de toda uma vida ao partejar Dona (Jus)Celina, não teve direitos trabalhistas nem sociais garantidos. Uma realidade de reflexo da desigualdade de gênero que atinge de forma mais intensa as mulheres pobres, indígenas e negras.

2.2 Uma mulher de fé

Antes de falar sobre uma mulher de fé, vamos refletir sobre o significado da palavra fé, principalmente porque a mulher de fé de quem falaremos nada mais é do que Dona Juscelina. Importante pensar que a fé pode ser entendida como algo inquestionável e por ser um sentimento muito pessoal, pode haver entendimentos como algo inquestionável. A religião, por exemplo, funda diversas interpretações voltadas, digamos para algum aspecto relacionado com o que se acredita.

Dona Juscelina era uma religiosa de muita fé, porém, nem todas as pessoas que estavam ao seu redor, podia ter a fé, porém, não a mesma religião. Por isso não há questionamento no que tange às diversas atitudes de fé. Na sua rotina religiosa, Dona Juscelina trazia para a prática, suas orações, pelas quais se fortalecia e dizia que, pela força da fé e como parteira ela realizava o trabalho com as mãos e a condução do Espírito Santo, de quem era devota. Ela seguia uma rotina de fé de uma parteira tradicional, como isso, percebia-se a presença da religiosidade cristã que por meio dos recursos utilizados ela conduzia com respeito e cuidado com todas as mulheres que passavam em suas mãos, pois ali, naquele momento, ela falava que era o dom do Divino Espírito Santo que lhe conferia o poder para operar e cuidar daquela(s) mulher(es). Através dos relatos das nossas interlocutoras entendemos que o ato do partejar realizado por Dona Juscelina sempre foi antecedido de momentos de oração, da tradicional reza, dos pedidos de proteção e ajuda divina. O processo de nascimento

das crianças trazia consigo um sistema simbólico e significados relacionados à preservação da saúde e das vidas e isso acompanhado de orações por dona Juscelina.

Analisando os relatos de nossas interlocutoras entendemos nos atendimentos de Dona Juscelina o seguimento religioso sempre foi um elemento primordial para que o trabalho no atendimento das parteiras tradicionais no processo gravídico-puerperal fosse positivo, onde quer que estivesse. Desse modo, a crença em Deus é enaltecida e necessária em todas as condutas e procedimentos realizados na assistência, não só às grávidas, mas, em qualquer tratamento realizado por elas.

Constatamos, à luz dos discursos e das considerações citadas que as práticas de cuidado durante o processo de parto e nascimento em domicílio, assistido pelas parteiras tradicionais, são poucas intervencionistas, pautadas no estar perto, fazer companhia, esperar com paciência o momento de cada mulher, ajudar com carinho nos momentos de maior necessidade, ou seja, faltava o lado de ‘mulher para mulher’.

Dona (Jus)Celina sempre se vestia de roupas brancas. Em sua casa, ela tinha o seu altar de devoções, como ela mesma chamava e estava sempre iluminado por velas. Ela não gostava do altar escuro, era o seu orgulho mostrar para todo mundo a sua religiosidade cristã que lhe protegia todos os dias da sua vida. Seus costumes ela trazia do estado do Maranhão, sua terra natal. Eram heranças da sua cultura religiosa (Figura 03). Mulher de fé, estava constantemente rezando, era romeira e muito devota de Padre Cícero², que também lhe transmitia fé e o chamava para entregar tudo o que ia fazer para na sua fé, ser bem-sucedido.

Em visitas à sua casa Dona (Jus)Celina (atual memorial em sua homenagem), além das conversas informativas e/ou orientadas, ela também rezava junto e quantas vezes explicava sobre a certeza da sua fé cristã naquelas imagens sobre o seu altar.

Para toda Muricilândia e porque não dizer, para o Tocantins, ela foi e sempre será uma referência, pois, ao seu lado, era sempre um grande aprendizado.

As boas lembranças das confraternizações que aconteciam em suas penitências porque era um momento de reunião com a comunidade e ela tinha uma alegria em alimentar as pessoas, tanto as que rezavam seus tradicionais terços ou novenas, como a população que acompanhasse suas festividades religiosas. Eram

² Padre Cícero Romão Batista de Juazeiro do Norte-CE, líder religioso de grande relevância no nordeste brasileiro.

servidos almoços, jantares e os tradicionais bolos cacete e de puba, entre outros que a comunidade já tinha como certo a cada. Os fogos de artifício (foguetes) também eram marcas de suas reuniões culturais que juntavam pessoas da cidade e de toda região, porque eram tradições que, automaticamente, já estavam nos calendários da população e ela fazia questão de ainda colocar carro de som para avisar.

Dona (Jus)Celina sempre fazia suas penitências e romarias, comemorava os dias de cada um dos santos com rezas e reuniões, num sentimento de manter a união entre os povos, começando por Muricilândia.

Com a fé soberana, ela sempre gostou de rezar ou simplesmente, benzer as pessoas de algum mal e era nos partos que a matrairca colocava a sua fé em cada reza ou oração, nos chás que servia, nos banhos de ervas e óleos que organizava, enfim, em todos os ambientes ou trabalhos a sua fé predominava.

Figura 3. Dona Juscelina em seu momento de Fé



Fonte: Izarete Oliveira dos Santos (2018).

Como quilombola, a matriarca trazia manifestações religiosas com base no catolicismo popular. Ela realizava e participava dos seguintes festejos: Festas de Santos Reis , Festejo da Abolição e Festa do Divino Espírito Santo.

2.2.1 Festa de Santos Reis

Interessante a lembrança que se tem quando de fato há um seguimento tradicional a se respeitar. E Dona Juscelina deixou esse legado para toda comunidade seguir. A Festa de Santos Reis é uma herança dela para o povo que continua agindo na fé cristã do catolicismo. Ela contava a sua história, que dentro da sua fé, os reis visitam as casas, do mesmo jeito que eles foram visitar e adorar o Menino Jesus, recém-nascido. Por esta razão que ela não deixava de celebrar o dia 6 de janeiro em comemoração ao Dia de Santos Reis e é sempre um momento de visitas e reencontro com as pessoas.

Para a realização da Folia de Reis, ela relatava que, saiam cantando todos os anos nas casas em Muricilândia, iam também para o Pé do Morro, povoado Cocalinho, cantava a noite nas casas, onde os donos das casas recebiam o reizado com muita alegria e doava o que podiam e no final a magia da partilha sempre acontecia. Cada doação era para ser compartilhada com a população no dia da comemoração final.

A festividade em alusão a Santos Reis acontece no período de 25 de dezembro a 06 de janeiro, sempre a partir das 23 horas em que saem andando a pé, passando de casa em casa, cantando em louvor aos santos. Durante todos os anos de festejo ela saía em companhia do seu esposo, Cristino (In memorian) e, quando ele faleceu, mesmo com o sofrimento da perda, mas ela teve força para prosseguir com a sua devoção juntamente com outras pessoas em defesa do poder da fé cristã.

Juscelina contava que essa devoção começou ainda em 1960, segundo ela, quando ela fez uma promessa com Santos Reis pela saúde de sua irmã. Quando chegaram a Muricilândia começaram as rezas, depois o que sempre chamou de 'reizado' e aí foi fortalecido pela fé de outros devotos. O encerramento da festa sempre acontece no dia 06 de janeiro em sua residência, onde se reza o terço e canta em forma de agradecimento. Em seguida é servido um lanche à comunidade. Mesmo

depois da morte de seu esposo, continuaram como forma de louvor por tudo o que viveram juntos.

2.2.2 Festejo da Abolição: no dia 13 de Maio, abolição da escravatura

Dona Juscelina ao chegar à Muricilândia em 1962, nem tinha noção do que fazer para colocar em prática uma tradição que trazia consigo. Era uma herança cultural feita pelo seu tio Claro, na cidade de Nova Iorque no Maranhão e ele, antes de morrer a transferiu para ela: a festa do dia 13 de maio, abolição dos escravos. Um evento que começou bem pequeno, mas com o passar do tempo foi crescendo e aos poucos a festa foi tomando conta das ruas da cidade e tudo foi tomado forma e se agregando com a cultura que já existia, porém, com o teor da festividade, ela revolucionou. Quando começou era comemorado o dia 13 de maio com a “Festa do Rebolado”. O tempo foi passando, o evento foi tomando outra dimensão e o que era apenas um momento, atualmente é definido como Festejo da Abolição, o qual, tem atividades comemorativas realizadas durante 03 dias. No final, seguindo a mesma tradição tem um grande teatro exaltando a Princesa Isabel pela assinatura da Lei Aurea, dando fim à escravatura dos negros no Brasil.

São várias as atividades que são realizadas no período do festejo. Apresentações culturais, com a participação das escolas, realização de seminários, rodas de conversas, exposições de artesanatos e venda de comidas típicas. À noite têm os tradicionais shwos e também apresentações dos grupos de danças como as Negras Marianas e outras. No dia 13 de maio, às 04h da manhã, acontece a tradicional alvorada e 16h é o famoso Teatro de Encenação da Abolição, em seguida, o Cortejo pela cidade de Anunciação da Liberdade. Sempre ao final é servido um jantar a todos os presentes. Juscelina faleceu em 2021 e, mesmo na sua ausência a comunidade vem continuando a sua tradição, seguindo seu legado e com o orgulho de ser Quilombola da Comunidade Dona Juscelina.

2.2.3 Festa do Divino Espírito Santo

A Festa do Divino Espírito Santo é outra tradição realizada pela matriarca e que a Comunidade vai seguindo. Uma reza em honra ao Divino Espírito Santo. Segundo o calendário cristão esse dia acontece no domingo de Pentecostes, que ocorre cinquenta dias após o domingo de Páscoa. E dona Juscelina rezava.

Para a realização desse momento ao Divino Espírito Santo, no decorrer do dia, os romeiros sempre realizam penitências e de casa em casa. Quando estava cantando em uma casa, as outras vizinhas já iam encontrar para pegar a bandeira e a imagem do Santo. Quando os devotos cantam e chega na metade do canto, os donos da casa levavam a bandeira em todos os cômodos e/ou cantos da casa, pedindo bençãos e em seguida doam suas ofertas à 'divindade'.

Quando encerra todo processo de peregrinação dos romeiros, a reunião final sempre acontece na casa de Dona Juscelina, onde cantam durante toda a noite até o amanhecer e contam com a presença de outras comunidade romeiras das cidades vizinhas. Durante a madrugada sempre tem o tão esperado lanche para todos os presentes.

Dona Juscelina se destacava por ter sido uma mulher que lutava em defesa de suas tradições religiosas e primava Deus com fé e pela sua devoção aos santos e santas. Ela sempre dizia que 'tudo pode ser realizado quando se tem fé', por isso ela se orgulhava em dizer que pela fé, ela já tinha realizado romarias ao Divino Pai Eterno no estado de Goiás e a Padre Cícero em Juazeiro do Norte no Ceará.

Uma tradição que vem desde os primeiros moradores de Muricilândia é o festejo em honra a Nossa Senhora das Graças, padroeira da cidade. É um dos festejos mais esperados por toda região, o qual, acontece na segunda semana do mês de setembro, após o aniversário da cidade, que é comemorado em agosto.

Durante dez dias toda a comunidade católica realiza diversas homenagens à Nossa Senhora das Graças que, embora noutros lugares se comemore em novembro, porém, em Muricilândia é no mês de setembro, seguindo a tradição criada ainda pelos primeiros habitantes do lugar. É um evento turístico que atrai devotos de várias cidades e a cada ano se percebe o aumento da comunidade católica nesse evento.

As devoções são fervorosas, no decorrer do festejo, muitos devotos vêm para pagar promessas e firmar sua fé cristã. A festividade dura dez noites em louver à nossa Senhora das Graças, onde se reza o terço, em seguida a celebração da missa, onde os fiéis com todo entusiasmo demonstram muita fé.

Após o momento religioso tem a quermesse com a parte social, onde acontece os leilões, os quais são doações da comunidade e ajudam na parte financeira da Igreja e também tem barracas que ajudam às pessoas numa fonte de renda. Sendo que na última noite do festejo é realizado a coroação à Nossa Senhora das Graças. Um momento de muita emoção com a coroação da Padroeira da cidade.

Dona Juscelina contava que quando chegou a Muricilândia, a capela era feita de taipas e coberta de palha e chão batido, mas a mesma já começou a participar do festejo, e passou a sair Rio Muricizal a baixo de canoa para pedir nas fazendas doações para a construção da igreja Nossa Senhora das Graças.

Dona Juscelina sempre esteve presente apoiando a comunidade tanto contribuindo na religiosidade do seu povo, mas empenhava também nas causas sociais, no festejo não perdia uma noite, ela sempre contribuía nos leilões e nas coletas financeiras para a Igreja e estava junto com a comunidade.

Durante o festejo, cada noite é dedicada a uma comunidade, entre elas, tem a noite do Quilombo, com apresentações na celebração da missa e suas colaborações também na parte social. A cultura das comunidades também marca a história da cidade e, Dona Juscelina sempre deixou sua marca no que se refere à comunhão com Deus na sua fé cristã. Ela realizava penitências para o fortalecimento da sua fé e dá sustentação aos seus pedidos em relação à cidade e outras necessidades religiosas e sociais. As penitências³ eram realizadas com a presença de romeiros da comunidade de Muricilândia (TO), Aragominas e do povoado Cocalinho (Santa Fé do Araguaia – TO), ocorriam tanto na casa de quilombolas ou na própria casa dela, pois,

³ Penitencia é uma pena imposta pelo confessor ao penitente para remissão ou expiação dos seus pecados, também é considerado como um sacramento da igreja Católica para redimir os pecados dos que confessam. "**penitência**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/penit%C3%Aancia> (consultado em 09-09-2022).

lá na sua casa estava o altar permanente criado por ela que dizia ser um lugar sagrado e que tinha orgulho de apresentar a quem chegava em sua casa (Figura 04).

O altar e as representações dos santos e santas que Dona Juscelina tinha devoção, eram expressões do catolicismo popular e ela mesma sempre dizia que ter um altar em casa é representação viva de manter-se fiel e mesmo na cidade não ter um pároco local, mas a comunidade firmava o poder da cidade no catolicismo popular.

Figura 04. Altar de Dona Juscelina



Fonte: Acervo da pesquisa (2022)

Dona Juscelina se destacou também como uma mulher que lutou politicamente, porém, buscando sempre na sua fé acalanto e de característica nitidamente popular muito forte, em que rezava e todas as penitências em sua casa eram sempre emocionantes. Ela também estava presente nas missas aos domingos.

Era uma mulher dinâmica, receptiva, carinhosa e gostava de ser fotografada ou filmada, dava entrevistas, cantava em público, nas rádios e sempre com o mesmo sorriso, nada lhe incomodava pois o que ela tinha mesmo era vontade de contar suas histórias. Um orgulho maior era em falar que era uma preta com muitas histórias de lutas e também de conquistas. Nada lhe intimidava diante dos 'nãos' que de alguma

forma recebia, mas era uma mulher forte, persistente e por isso que, mesmo em meio à essa sociedade estruturada pelo racismo ela defendia o seu lugar de fala.

Receptiva com todas as pessoas que iam lhe visitar, atendia muito feliz, muitas vezes convidava a rezar pegando nas mãos das pessoas e, ao conversar, ela olhava bem dentro dos olhos e cada pessoa que era capaz de sentir-se como momento único. Era uma sensação emocionante, quase inexplicável, essas lembranças dela, são que ficarão marcada no coração de muitas pessoas.

Uma de suas ‘filhas de pegação’ (Figura 05) relatou sobre o seu carinho por a Mãe Celina e o que ela também sentia por ela. Enquanto filha, ela relatou o seguinte:

[...] muito orgulho de minha mãe Celina, ela quem escolheu meu nome, Luzia Luanna, quando eu nasci, por ter nascido no dia de Santa Luzia, dia 13/12/1991, ela era muito atenciosa, uma mulher que representava muito bem nossa cidade de Muricilândia, era forte, muita experiência, transmitia calma, dava segurança as futuras mães, sou feliz por ter sido pega por essa mulher maravilhosa Celina [...] (Entrevista: Luzia Luanna Meneses dos Santos, 2022).

Dona Juscelina era uma mulher caridosa que adorava ajudar a quem precisava.

Figura 05. Dona (Jus)Celina e Luzia Luanna Meneses sua “filha de pegação”



Fonte: A pesquisadora 2022

Sob essa ótica, as investigações buscam cingir as narrativas sobre Dona (Jus)Celina, suas memórias, saberes e fazeres e suas experiências vivenciadas enquanto parteira tradicional.

2.3 Dona (Jus)Celina, uma Mulher do local ao nacional

A matriarca Dona Juscelina era de uma personalidade firme, sempre atuante com seus compromissos, tantos religiosos, quanto culturais e tudo que priorizasse a comunidade quilombola. Mesmo com seus problemas de saúde e aos 91 anos era notável a sua boa memória na clareza de sua oralidade ao elaborar ações ou pensar em projetos, ela sempre demonstrava interesse em narrar suas vivências.

Sua forma bem humorada, em alguns momentos da entrevista, nos fazia rir com fatos engraçados que aconteceram durante a realização de alguns partos naturais. Ela contava com emoção e rindo que seu falecido Cristino, sempre à esperava com uma cerveja preta, que guardava dentro do pote para esfriar, ela contava que bebia para relaxar os nervos, e em respeito à atitude de força que vinha dele que sempre estava ao seu lado em todos os momentos, seu falecido marido sempre o apaiva em suas missões.

Ela também lembrava com emoção os partos naturais que fez ao longo de sua vida, enchia-se de alegria ao contar que nunca perdeu ninguém em suas mãos, mesmo à luz da lamparina, enfrentando as estradas de chão, os tempos chuvosos, fosse inverno ou verão, nas madrugadas, mas ela cumpria com suas obrigações, pois, assim como tinha certeza da sua fé, também pensa nas pessoas que acreditava no seu atendimento e, ela enfrentava com toda força da fé:

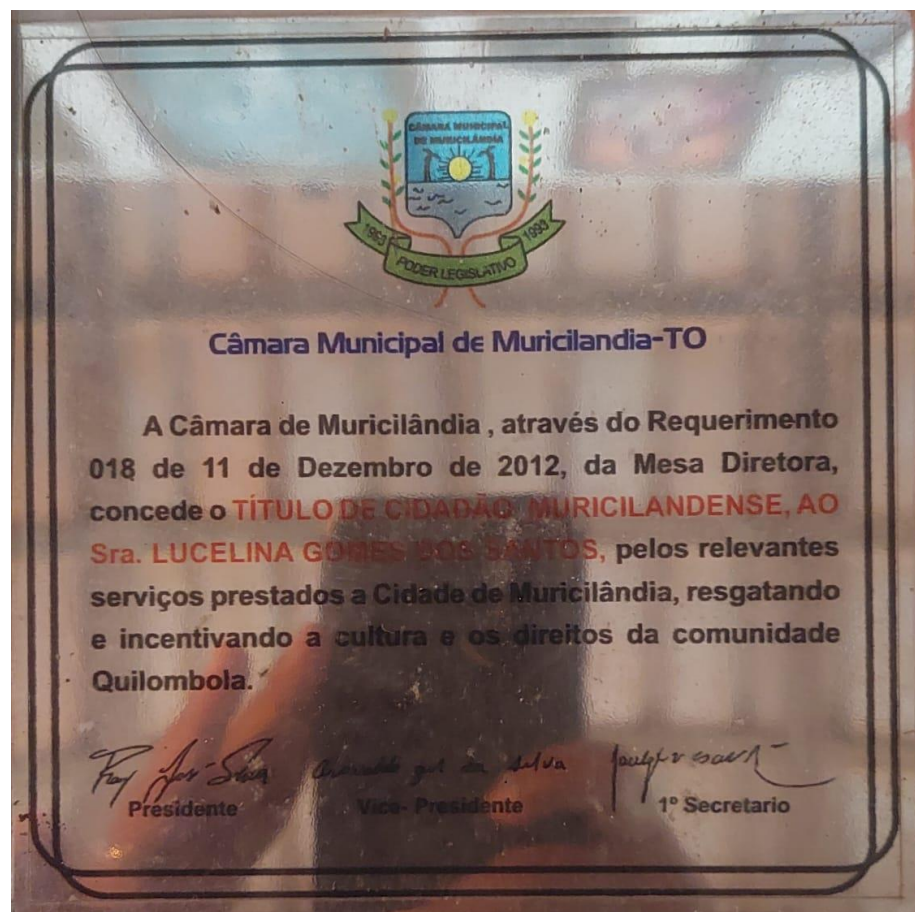
Tinha noite que eu nem dormia, fazendo parto, não tinham carro não, era muito sofrimento, tinha vez de sair na chuva colocava um pano cabeça e ia, mais sempre atendia, não deixava de ir não (Entrevista: Lucelina Gomes dos Santos, 2020).

Uma característica da personalidade de uma grande mulher, que sempre vai merecer destaque pelo que foi capaz de fazer e pelo diferencial em toda sua trajetória. Como parteira tradicional ela gostava de destacar que algumas pessoas hoje são professoras (es), enfermeiras (os), doutor (as) e todas (os) eram puro orgulho.

O resultado de tudo isso rendeu-lhe vários convites para palestras em escolas, universidades, viagens e muito reconhecimento, inclusive, recebeu algumas homenagens local, regional e também nacional.

No ano de 2012 recebe da Câmara Municipal de Muricilândia a concessão do Título de Cidadã Muricilandense (Figura 06) pelos relevantes serviços prestados de resgate e incentivo da cultura e direitos quilombolas.

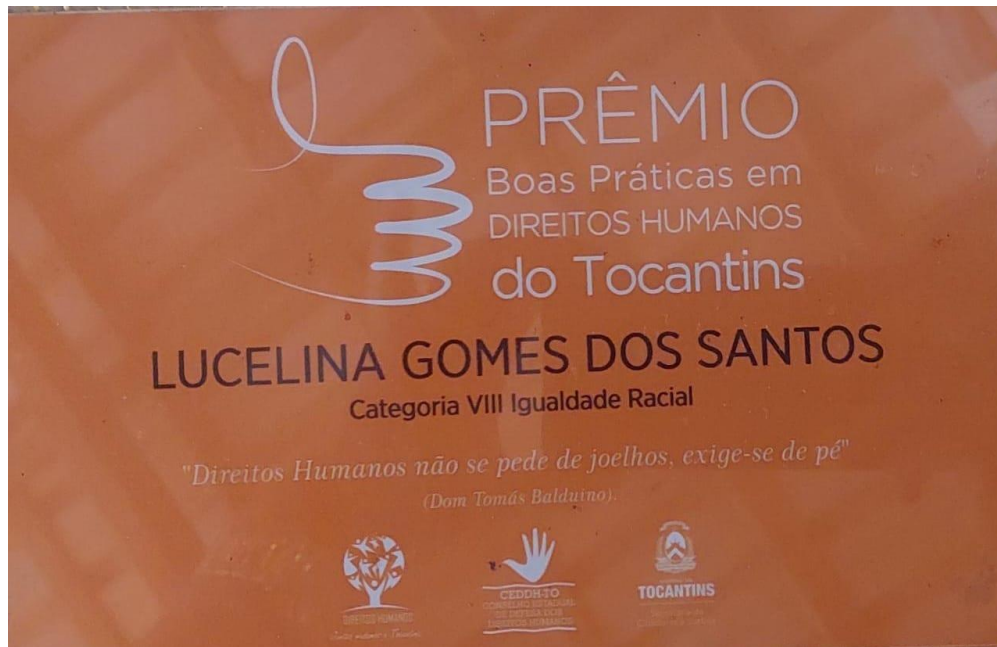
Figura 06 – Placa do Título de Cidadã Muricilandense



Fonte: A pesquisadora, 2022

Em 2016, ganha o Prêmio de Boas Práticas Humanas – Categoria VIII – Igualdade Racial, por meio da Secretaria de Cidadania e Justiça (Seciju) do Estado do Tocantins (Figura 07).

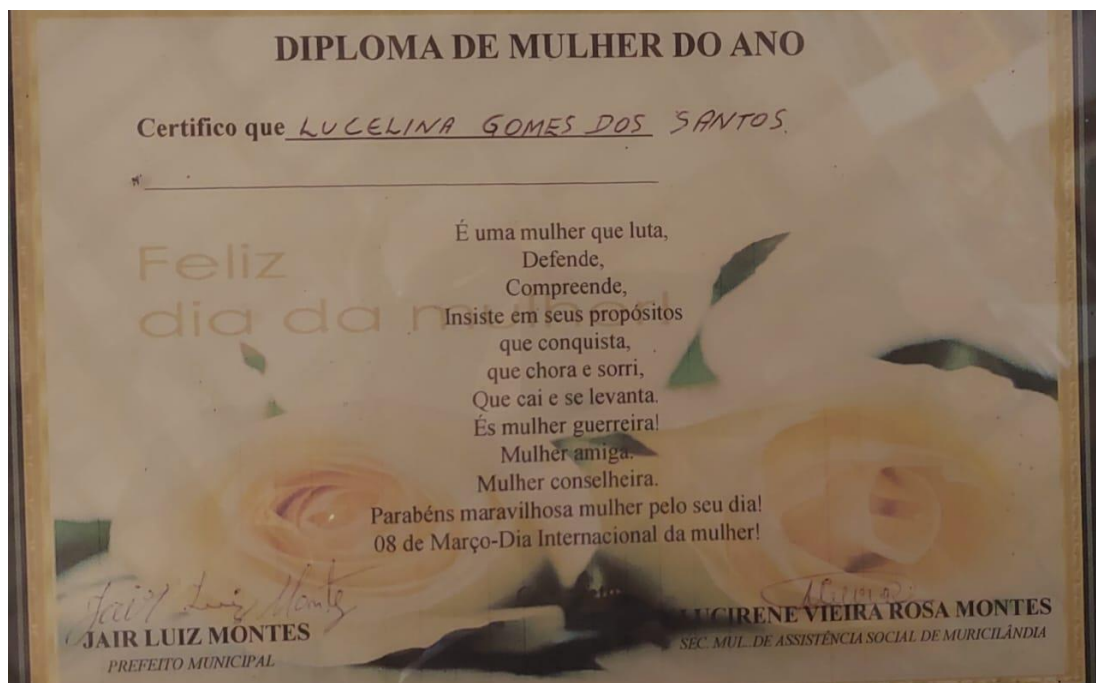
Figura 07 – Prêmio Boas Práticas em Direitos Humanos



Fonte: A pesquisadora 2022

A prefeitura municipal de Muricilândia ainda concedeu a ela o certificado de Mulher do Ano, como podemos conferir na figura 08.

Figura 08- Diploma de Mulher do Ano



Fonte: A pesquisadora 2022

Em 24 de fevereiro de 2021, a Universidade Federal do Tocantins concede o Título de Doutora Honoris Causa para Lucelina Gomes do Santos, contudo a entrega ocorreu em momento póstumo devido ao falecimento em 03 de junho de 2021 (Figura 09).

Figura 09 – Título Doutora Honoris Causa entrega póstuma



Fonte: A pesquisadora 2022

Ainda presidiu durante os anos de 2010 à 2013 a Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina fundada em 29/09/2010, com intuito de requerer os direitos pelo território ancestral desapropriado ilegalmente pelo governo goiano entre as décadas de 1950-1970. O período que Dona (Jus)Celina ficou fora da presidência, mas não a afastou da liderança, foi eleita para o 2º mandato em dezembro/2020 para mandato de quatro anos, também presidiu durante os anos de 2010/2021 o Conselho de Griôs da Comunidade Quilombola Dona Juscelina fundado em 2010.

Griôs são os contadores de histórias, que narram de forma falada ou cantada as tradições e os acontecimentos de um povo. São anciões, que em algumas partes

da África são chamados de griôs (LIMA; HERNANDEZ, 2010).

Milhomem (2021) relata que os griôs originários da África eram gritadores que corriam na praia em torno dos navios negreiros carregados com pessoas negras que seriam comercializados nas colônias. Estes gritadores gritavam a história do seu povo para que não ficassem esquecidos quando chegassem a seu novo destino. Os griôs eram considerados pelos portugueses como feiticeiros.

Na obra de Lima; Hernandez (2010) que nos explica o ofício dos griôs entendemos que são eles mestres em despertar ouvintes, seu gesto, seu corpo prendem nosso olhar. Cantando, tocando e emocionando, assim fazem esses anciãos e anciãs, mantêm viva a história na memória da nova geração. A sapiência vem não de quem ouviu; mas de quem viveu, trazendo o passado para o presente, como o sangue corre dentro de nós e nos dá vida, os/as griôs narram suas histórias e fazem circular a memória que mantêm vivos os povos tradicionais quilombolas, iniciam seus sucessores no dia-dia e toda hora, pela arte da transmissão de conhecimento.

A função dos griôs na comunidade Quilombola Dona Juscelina é repassar para a juventude saberes e conhecimento dos ancestrais, além de ensinar sobre a historicidade da trajetória socioespacial da comunidade, este papel Dona (Jus)Celina desempenhava com muita dedicação. Os mestres griôs são os guardiões da memória, respeitados por todos na comunidade, por meio dos quais preservam o (patrimônio imaterial na comunidade).

A Constituição Federal do Brasil de 1988 considera como patrimônio imaterial, as práticas culturais tradicionais, os saberes, os ofícios e os modos de fazer, as celebrações religiosas, musicais, lúdicas e expressões cênicas (BRASIL, 1988).

Neste sentido o Conselho de Griôs da Comunidade Dona Juscelina tem como missão transmitir para as novas gerações a tradição, os saberes e memórias ancestrais dos fundadores de Muricilandia e da Comunidade Quilombola.

A cultura quilombola é transmitida de geração em geração pelos griôs e o respeito às pessoas com mais idade que fazem parte desta cultura, à qual, para Corrêa (2002), são o testemunho das ações humanas no ambiente, ações essas, que vão desde o contexto abstrato à relação física.

Dona (Jus)Celina, foi uma cuidadora do povo. Eram comuns seus filhos de pegação ir pedir sua benção, sempre demonstrando carinho por ela.

Mia fia, eu troxe muita gente a esse mundo, oia eu tinha minhas anotações, mias netas que morava aqui em casa, fizeram uma limpeza no meu quarto, eu nem sabia, queimaram tudo, sou contrariada com isso, queimara até minhas orações. Eu sempre recebo visita aqui em casa, mia fia aí, sempre vem mi ver (Entrevista: Lucelina Gomes dos Santos, 2020).

A referida limpeza do quarto que esta em suas narrativas segundo o que pesquisamos foi realizada pelas suas filhas. Seu trabalho não significou só reconhecimento e nem tampouco só alegria, ao longo de sua vida ela teve tristezas, acusações, sofrimentos, medo das dificuldades enfrentadas, inseguranças sentidas nas diversas situações e principalmente dos conflitos internos pelos quais passou.

Sempre se lembrava da perda de sua filha Lúcia, que morreu na década de 1980, deixando quatro filhos pequenos na qual ela criou como seus filhos. Era sempre um momento de comoção por parte de ela falar da perda de sua filha, era motivo de grande tristeza. Dona (Jus)Celina era uma mulher forte, que teve a missão de partejar uma dádiva, um dom que recebem por Deus para ajudar outras mulheres que precisavam de seu trabalho, e não estava vinculado a pagamento, mas em um compromisso social de servir.

Ela doava seu tempo, seu serviço, sua reza a parturiente, que concedia somente gratidão eterna. Dona (Jus)Celina sempre disse que não cobrava os partos que fazia, as pessoas davam alguns agrados como farinha, banha de porco feijão, roupas entre outros, até eletrodomesticos algumas pessoas davam de presente por reconhecimento ao seu trabalho, seu contentamento era não pelos presentes, mas pelo fato de ter ajudando a trazer a vida e ter o poder de ter visto as crianças crescerem, as famílias também ajudavam com deslocamento dela quando a viagem era demorada, vinham buscá-la em casa. Para a mesma era um motivo de reconhecimento pelo o que ela fazia com todos, isso pra ela era sua maior recompensa. Sempre falava com orgulho, contava com satisfação que sempre recebia visitas de seus filhos de pegação, consideração, netos e ate bisnetos. No proximo capitulo iremos narrar sobre a chegada dos pioneiros e pioneiras, sobretudo Dona Juscelina e a formação do municipio de Muricilandia.

3. INTERSECÇÕES ENTRE: A FORMAÇÃO DE MURICILÂNDIA (TO) – A CHEGADA DE DONA JUSCELINA – A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO QUILOMBO

A história de Muricilândia (TO) e de Dona Juscelina se entrelaçam, suas trajetórias se misturam constituindo a formação sociocultural e territorial desse município. A matriarca quilombola era uma pessoa que sempre demonstrava uma relação muito próxima com as pessoas e com os lugares por onde ela passou, e principalmente em Muricilândia (TO), aonde ela chegou em 1962 aos 32 anos de idade.

3.1. Conhecendo território político administrativo de Muricilândia - TO

Muricilândia é um dos 139 municípios do estado do Tocantins, se estende por 1.186,6 km² e possui 3.551 habitantes (IBGE 2019), está localizada na região norte do Brasil e do estado, às margens da TO-222, a 473 km da capital, Palmas. A denominação para quem é natural de Muricilândia, assim como a pesquisadora, é muricilandense.

A densidade demográfica é de 3 habitantes por km² no território do município. Situado a 177 metros de altitude, Muricilândia tem as seguintes coordenadas geográficas: latitude: 7° 8' 51" Sul, longitude: 48° 36' 30" Oeste. Vizinho dos municípios de Aragominas, Santa Fé do Araguaia e Carmolândia, Muricilândia se situa a 45 km ao Norte-Oeste de Araguaína, a maior cidade nos arredores.

Com a promulgação da nova Constituição Federal se divide o Estado de Goiás e é criado o Estado do Tocantins. Logo, em janeiro de 1989 o novo Estado é instalado e já em 05 de outubro do mesmo ano foi promulgado a Constituição Estadual e nela dando margem às eleições para emancipação municipal em todo o Estado e Muricilândia era um dos municípios que poderia ser emancipado.

Em fevereiro de 1991, Muricilândia como um dos mais novos Municípios do Estado. Elevado à categoria de Município com a denominação de Muricilândia, pela Lei Estadual nº 259 de 20 de fevereiro de 1991, alterado em seus limites pela Lei Estadual nº 498 de 21 de dezembro de 1992, desmembrado de Araguaína.

A primeira eleição foi realizada em 1992 e a população elegeu como primeiro prefeito, o empresário, Rubens Gonçalves de Aguiar. Sede no antigo Distrito de Muricilândia, constituído do Distrito sede, instalado em 01 de janeiro de 1993. Assim como o Brasil promulgou a Carta Magna, que é a Constituição Federal e o Estado do Tocantins promulgou a Constituição Estadual, cada Município também tem a sua própria Lei Orgânica e, Muricilândia, como um dos mais novos municípios tocantinenses promulgou a sua 1ª Lei Orgânica em 20 de dezembro de 1993. Em divisão territorial datada de 2001, o Município é constituído do Distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Contudo, prosseguimos contando as histórias da cidade de Muricilândia (TO), a partir dos fatos vividos pelos mais antigos e os mais novos moradores.

3.2 Do Morro do Santo Cruzeiro ao Quilombo Dona Juscelina

Nos tópicos a seguir será narrado um breve histórico das primeiras migrações para esta região que resultou na fundação de Muricilândia (TO) e da formação do Quilombo Dona Juscelina. São memórias dos primeiros moradores, contadas por nossas interlocutoras bem como histórias pesquisadas por outros estudos sobre o Quilombo Dona Juscelina.

3.2.1 Memórias sobre Antonia Parnaguá

Partes desta narrativa foram possíveis a partir da disciplina Seminário Avançado-“Entre conhecimento e epistemologias negras e indígenas”, ofertada pela Universidade Federal do Tocantins em seu mestrado interdisciplinar em Cultura e Território, PPGCULT-UFT, que nos levou a uma aula de campo compartilhando a teoria com a prática, no dia vinte de outubro de dois mil e vinte e nove, para conhecer o Quilombo Pé do Morro, situado no Município de Aragominas-Tocantins, a 40 quilômetros de Araguaína, Portaria 162/2010 FCP como Comunidade Remanescente de Quilombo.

Segundo relatos históricos, a comunidade Pé do Morro foi a responsável pela origem de Aragominas, em 27 de julho de 1952, com a chegada de 27 famílias de

romeiros ao morro do Cruzeiro. Já se passaram anos e a luta pelo reconhecimento, continua.

Em contato com o Senhor Raimundo Benicio, narrou a historia de dona Antônia Barros segundo ele, ela teve uma visão debaixo de um pé de buriti com o Padre Cícero, que nessa aparição disse que ela tinha que sair da sua casa da região onde morava e se deslocasse com seus filhos e netos e encontrar o Morro Santo e o Santo Cruzeiro, assim a senhora negra crendo na visão, decidiu cumprir que lhe foi anunciando e designado para fazer, apenas convidou sua família e se dirigiu para o rumo apontado pela guia.

Nesse sentido, a noticia da existência das se espalhou e a família da beata Dona Antônia, não conseguiu seguir sozinha, de todos os lados no entorno do lugarejo onde ela residia e até mesmo de lugares mais distante como Filadélfia e mais distantes ainda como Imperatriz e outros lugares do Maranhão começam a aparecer pessoas que vão ate ela no intuito de ouvi-lo e segui-la, e a pesar de não convidar ninguém ela conseguir juntar o bom numero de pessoas que se preparam para deixar o povoado de Brejinho e segui ao desconhecido lugar descrito na visão, essas pessoas eram chamadas de romeiros de Pe. Cicero, nessa caminhada ela foi perseguida pela policia, mas ela continuou firme sua jornada até o Morro Santo.

As Bandeiras Verdes são algo aprendido na infância, ensinado pelos mais velhos, “do tempo dos antigos” (VIEIRA, 2001, p. 147), A narrativa se controla pela memória. Thompson (1992) nos leva a compreender a memoria quando afirma:

A história Oral é uma história em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentro os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estila professres e alunos a se tornarem companheiro de trabalho (THOMPSON. 1992, p44).

Segundo Thompson a História Oral é uma construção coletiva, onde o narrador tem a oportunidade de narrar suas lutas do seu lugar de fala, do seu território. Assim é seu Raimundo Benicio narrador da própria história.

O Morro rodeado por habitantes, hoje Aragominas e o chamado “Pé do Morro”, processo de configuração é referente às Bandeiras Verdes. As Bandeiras Verdes são as áreas onde há mata, água, lugar para plantar e viver, no entanto, não existe um

ponto exato, locais de matas densas e férteis apontadas como características da Amazônia. Vieira em suas pesquisas sobre os movimentos na Amazônia oriental ouviu muitas referências às Bandeiras Verdes, o qual ela denominou de movimentos sócio religiosos. Entre elas a que aqui estudamos, porém, pouco trabalhada pela pesquisadora: “[...] movimentos como o dos Romeiros do Padre Cícero do Pé do Morro em Tocantins.” (VIEIRA, 2001, p. 147).

Aqui fica marcada a fé desse povo e o porquê de até hoje essa mulher ser lembrada como uma grande líder tanto no campo religioso como campo invocado para contar a história desse lugar. Dona Antônia Barros de Souza, uma mulher negra, de luta e resistência. Podemos observar que tanto as cidades de Aragominas-TO e Muricilândia-TO se iniciaram na busca de uma construção de uma nova história, e também pelo viés religioso, sem abandonar suas crenças. Seu Raimundo Benicio estava bem à vontade em sua residência, demonstrou felicidade com a presença de todos, e continuou com seu relato, falando da importância do Morro Santo, que de acordo com ele, a fé e superação na hora de subir o morro, que todo o caminho até chegar ao morro é sagrado. Nota-se em falas como essa, que seu Raimundo Benicio é um homem de muito Fé.

A subida inicia com as bênçãos de Maria Mendes da Silva, uma senhora com mais de 80 anos muito conhecida no local, senhora que recebeu a todos com muito carinho, contou história, sua devoção por “Padim Manoel Borges”, contou que seu corpo está enterrado em cima do Morro, ao lado de sua casa tem um cemiterio e a igreja que se encontra próxima, foi logo pedindo para um colega tocar o sino, para celebrar nossa presença. Até o alto do morro é uma longa caminhada, caminhada essa que fiz juntamente com outros colegas, a subida é difícil, cansativa mais quando chega lá em cima a sensação é de muitas bênçãos e tem que cumprir a principal tradição que é chegar em frente a igreja e tocar o sino, isso foi a Dona Maria quem nós falou. Famílias inteiras se juntam para percorrer esse caminho, romeiros sobem, descem e outros acabam parados. Depois de quase 1h (uma hora) de caminhada, chega-se ao alto do morro.

Dona Antônia a beata Parnaguá se dirigiu até “Murici da velha” no ano de 1954, atraída pela abundância das roças nas proximidades do Rio Murizal, após a primeira visita, fez outras visitas morando definitivamente, até seu falecimento e

sepultamento na cidade. Não conseguimos identificar a data exata do óbito de Dona Antônia, no entanto segundo Manoel Borges Filho Presidente do Quilombo Dona Jucelina, deve ter ocorrido entre os anos de 1961 a 1962.

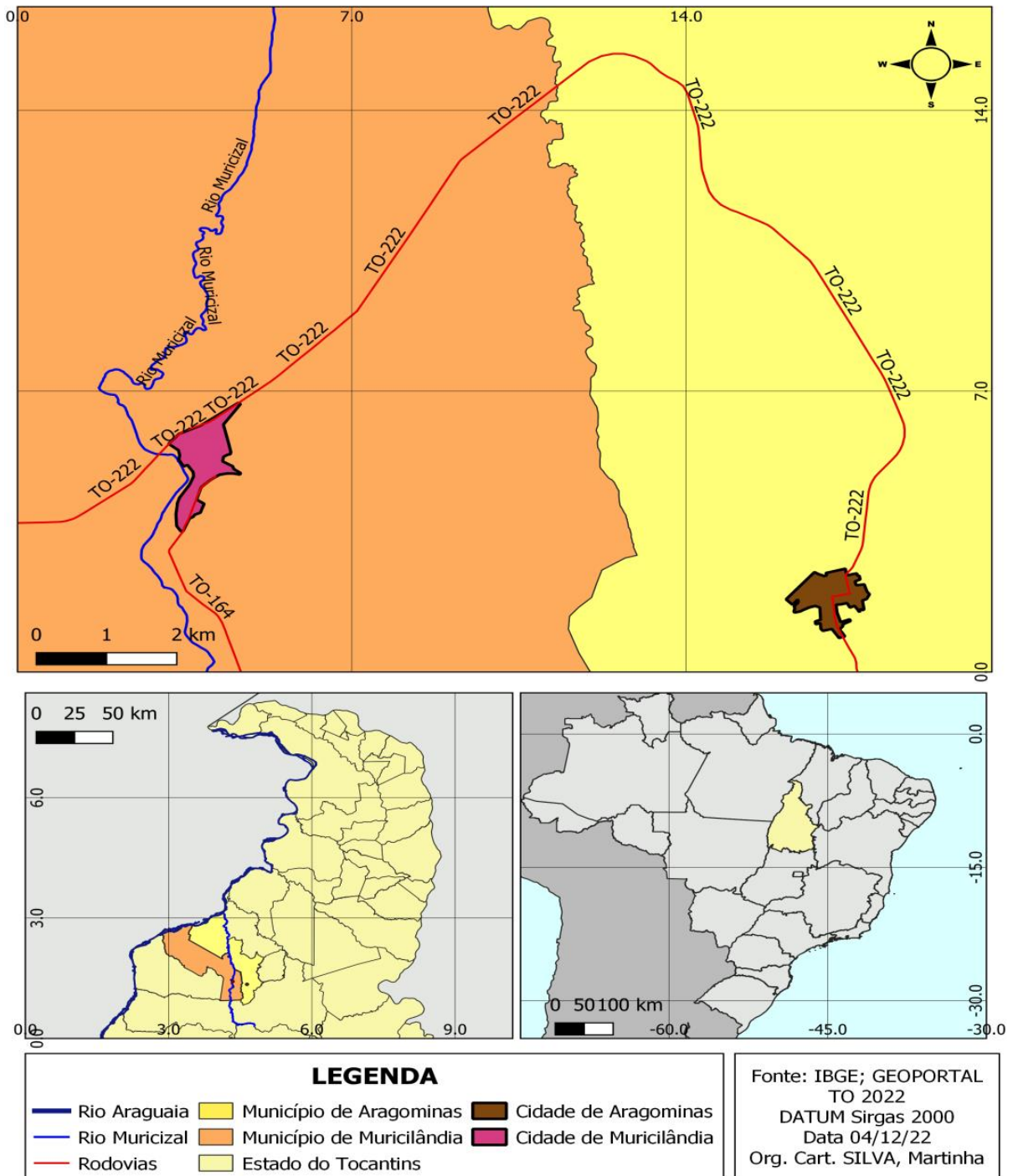
3.2.2 A chegada dos pioneiros e pioneiras às margens do rio Muricizal

Começamos a conhecer a história de origem de Muricilândia (TO), a cidade natal desta pesquisadora, a partir de relatos de moradores mais velhos que ajudaram a povoar a localidade que em seu início de formação territorial, era conhecido como “Murici da Véia”.

Conforme a história oral da população muricilandense, famílias migrantes da região nordeste do país, em busca de melhores condições de vida, chegam a localidade em 20 de agosto de 1952, pela manhã, João Paulino juntamente com outros companheiros; Barnabé, Marciano, Abdias, Zé Pequeno, Manoel Barracão e Zacarias chegaram às margens de um rio, viram muita água, terras e logo foram estabelecendo moradias, mesmo de forma improvisada foram se organizando, plantando roças, visando melhor sobrevivência para suas famílias, e assim, povoando o local que tinha o rio como referência, que já servia como meio de sustento para os pescadores viajantes, e posteriormente, para os primeiros desbravadores das terras onde hoje é construída a cidade.

No mapa 01 pode-se observar a proximidade entre o município de Muricilândia e o município do Pé do Morro.

Mapa 01 – Aproximidade entre as comunidades Pé do Morro (Aragominas) e Dona Juscelina (Muricilândia)



Na figura 10 apresentamos dois fundadores de Muricilândia em uma foto do passado próximo ao rio que ele mesmo denominou de muricilândia. Senhores João Paulino e Manoel Barracão.

Figura 10 – Os pioneiros de Muricilândia (TO)



Fonte: Santos, 2021

Naquela época existia uma grande quantidade de árvores frutíferas conhecida como Murici, assim, os primeiros habitantes batizaram o rio de Muricizal, sendo reconhecido assim nos lugares vizinhos, como por exemplo, Carmolândia, cidade próxima que já se referia ao território como lugarejo Muricilândia.

Em 20 de agosto de 1952, o pequeno grupo parte em direção a nuvem avistada do alto do morro, e pela tarde chegam às margens do rio que o chamaram de Muricizal em razão da presença abundante do fruto Murici. Tudo inicia com um grupo de oito homens liderados por Sr. João Paulino que saíram de Aragominas (populamente conhecida como Pé do Morro) como é chamada hoje, a comunidade quilombola, pelo viés da religiosidade e fé nas profecias de Padre Cícero, os chamados romeiros de Padre Cícero. O líder Sr. João Paulino tinha um lado religioso muito forte no entendimento como romeiro, não como praticante de manifestações culturais e matriz africana, e era seguido por muitos e admirado.

Padre Cícero era uma figura polêmica tanto entre os líderes da Igreja Católica, quanto entre os próprios fiéis. A sua história traz momentos de muita fé e devoção a Deus, no entanto aponta ainda sua participação política e autoritária na cidade de Juazeiro no Ceará. Mas na atualidade Padre Cícero Rumão Batista foi transformado em um santo e seu nome é venerado entre os nordestinos fiéis da igreja Católica (DUMOULIN; GUIMARÃES, 2015).

Uma coisa que chama atenção que os próprios filhos do João Paulino confirmam que qualquer manifestação de era proibido na comunidade. Apesar de serem negros, eles não aceitavam nenhum tipo de manifestação alusiva à religião de matriz africana, isso era proibido, era proibido se persistir a ponto de ser expulso da comunidade.

João Francico de Sousa (João Paulino), chegou em Muricilândia em 1953, quando estava nascendo Muricilândia, ele veio a procura de bandeiras verde, neste mesmo período chegou a família de dona Enedina Pereira de Sousa que foi recebido pelo o líder João Paulino dessa pequena comunidade religiosa deromeiro. Foi onde deu o encontro deles que posteriormente vinha a ser sua esposa, logo se casaram e tiveram treze filhos, morreram cinco, e permaneceram oito vivos, José Pereira, Guilherme Pereira (in memoria), Maria Eurania da Conceição, Maria de Fatima Pereira de Sousa, Francisco de Paula Pereira de Sousa, Maria Betania Pereira de Sousa e João Filho Pereira de Sousa, sendo que todos os filhos do casal nasceram em Muricilândia (TO). Sendo que a maior parte da família do seu João Paulino e dona Enedina Pereira continuam morando aqui em Muricilândia.

[...] meu pai o senhor João Paulino [...] e minha mãe [...] se casaram aqui em muricilândia na década de 1950, hoje vou falar da importância de minha mãe pra Muricilândia sempre ao lado de meu pai, ajudando, foi uma dona de casa incansável, discretas, tímida, porém seu papel foi fundamental na criação de nossa cidade, acolhendo a todos em nossa residência cozinhando para as caravanas que aqui chegavam. Mas minha mãe nunca abriu mão de seu ofício de quebradeira de coco, fomos criados na roça, no trabalho duro mesmo. Meus pais sempre foram religiosos, de muita fé. E assim vamos levar o legado tanto do meu pai, João Paulino como de minha mãe Enedina Pereira de Sousa”.

Entrevista: Francisco de Paula Pereira de Sousa, 2022

“Quando as famílias chegaram era tudo mato” afirmava Dona Juscelina em

suas narrativas, de acordo com ela, assim outras famílias foram chegando, construindo seus barracos, marcando seus espaços, com a vontade de melhorar a realidade de vida.

3.2.3 Ano de 1960 a chegada da família da Matriarca em Muricilândia.

Dona Juscelina e sua família chegaram na região banhada pelo rio Muricizal nos anos 1960, quando as construções dos barracos iam sendo substituídas por casas de tijolos, cada família se ampliando e daí formando o vilarejo. Ela dizia que se juntou aos outros moradores para buscarem melhorias para aquelas famílias. Foi então que virou grande parceira de luta juntamente com o seu João Paulino e ambos fortaleceram as representações políticas com fins de buscar melhorias para o lugar e respectivas famílias.

A notícia que a terra era boa, bem como a existência de minérios se espalhou, atraindo assim novos moradores, iniciando uma povoação, que foi crescendo; logo então chegaram os fazendeiros norte-americanos, estes que fizeram estradas e construíram pontes sobre o Rio Muricizal, o fomentando o crescimento do distrito. Ao localizar as margens do Rio Muricizal, e por existir a mata ciliar, perceberam que uma árvore carregada de frutos se espalhava pelas margens do rio, eram pés de murici, frutos vermelhos, ácidos, mas de sabor agradável, e assim batizaram curso d'água de Muricizal.

As pessoas foram migrando para a região, mas era necessário um reconhecimento político para que a localidade existisse de fato. A força política foi importante e por meio dela, João Paulino foi reconhecido como primeiro representante político do local, esse lugarejo que antes era formado por barracos à beira do rio passou então a ser intitulado legalmente como Distrito através da Lei Municipal nº 55, de 15/12/1963, subordinado ao município de Araguaína. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o distrito de Muricilândia, integra os limites no município de Araguaína, até então estado de Goiás. Como Distrito, Dona Juscelina dizia que João Paulino passou a ser uma importante referência para Muricilândia e região, sendo inclusive reconhecido por políticos do então Estado de Goiás.

Lugar como Muricilândia, que foi crescendo até chegar à posição de distrito,

onde posteriormente, mas precisamente no ano de 1992 tornou-se município com a 1º eleição. Os sistemas aquáticos são fundamentais para as cidades, pois fornecem água e locais de descanso e lazer para as comunidades.

O Rio Murizal é de extrema importância para todos muricilandese, ele é um subsídio, desde a descoberta de Muricilândia até hoje é uma relação de amor e respeito com a natureza. Dona Juscelina conta que o rio faz parte de sua vida desde quando chegou em Muricilândia, era por onde andava também para atender as mulheres no momento do parto, conta com carinho que andou muito em canoa, só tinha dia pra sair de casa, passava até de semana na casa da parida, muitas vezes na chuva, mas na esperança e na fé que tudo ia dá certo.

Dona Juscelina falava que o Rio Muricizal é a coisa mais linda que existe. Não de outra forma, os municípios brasileiros convivem com problemas semelhantes quanto à falta de racionalização do uso da água, deste líquido precioso. Analogicamente é o que ocorre no município de Muricilândia – Tocantins. O Rio Murizal é importante para a comunidade, cuidar bem da água e defender os rios e fontes é uma forma de reconhecer a presença divina no universo. (Figura 11).

Figura 11. Dona Juscelina nas margens do Rio Muricizal.



Fonte: NEUZA – UFNT 2021

Dona Juscelina se colocava como exemplo a ser seguido, entendida, respeitada e admirada. Não tinha distância para ela, sempre atendia a todos, era batalhadora e tinha em suas falas, a vivência da luta como meio para alcançar as mudanças necessárias ao seu quilombo e sua comunidade servindo de inspiração para tantas outras mulheres que estão no mesmo espaço. Era uma relação linda entre Dona Juscelina com o Rio Muricizal.

Atualmente o rio é principalmente fonte de lazer da cidade, servindo para banhos, encontros com os amigos, pescarias, passeios de canoa, lazer e também é palco de alguns eventos públicos e privados, tais como a cavalgada, rally de bóias, shows, campeonato de futebol, campeonato de vôlei de areia, palestras, festa de aniversário da cidade, bem como de populares da cidade de Muricilândia tudo isso ainda é muito comum para os moradores do município e das proximidades, diz um ditado popular, “quem bebe da água do Murici, sempre volta”, a expressão significa a forte relação de afetividade que os habitantes possuem com o rio. Vale lembrar que o rio Muricizal foi de grande importância na construção e formação da cidade de Muricilândia, Dona Juscelina sempre falava com muito carinho do rio, fonte de vida para todos da comunidade, o surgimento do município de Muricilândia se assemelha a história e de pessoas indo em direção de água em abundância, sendo assim, os primeiros moradores do município de Muricilândia encontraram na beira do rio Muricizal um novo motivo de (re)construir seus sonhos e fixando suas raízes.

3.3 Trajetória socioespacial de Dona Juscelina

Em Nova Iorque (MA), nasce Lucelina Gomes dos Santos mais conhecida como Dona Juscelina aos 24 de outubro de 1931 (porém ela afirmava ter nascido em 1930, e afirma que foi um erro no registro do cartório). É neste município que vive sua infância e parte de sua juventude até o ano de 1951. Nesta localidade, Dona Juscelina estudou até o terceiro ano das séries iniciais e aprendeu a ler e escrever recebeu de sua família uma educação cristã católica sincrética que envolvia os rituais da igreja católica como adoração ao Divino Espírito Santo e a Folia de Reis mas ao mesmo tempo foi educada para tocar tambor elementos das religiões afro, saberes tradicionais dos seus ancestrais que também ensinada nos costumes e hábitos da

cultura afrodescendente, a partir de seus sete anos de idade passou a participar da Festa 13 de Maio e se autodenomina como uma brincante.

Em 1948 Dona Juscelina se casa no civil, mas o matrimônio dura apenas três meses, e resultou em uma gravidez que só tomou conhecimento após a separação, em seu relato disse que o ex-marido era um homem muito ruim e que ela não aceitava conviver com suas maldades, após separar-se nunca mais o viu e no ano seguinte 1949 dá a luz a única filha de seu ventre, Maria das Graças Gomes dos Santos. Em 1952, Dona Juscelina muda-se com a família seus pais, irmãos e sua filha, para o município de Pastos Bons (MA) onde residiu por três anos. Lá se casa pela segunda vez, agora com o senhor Cristino Lopes, e afirmava inúmeras vezes que este marido a fez muito feliz e viveram 60 anos juntos até seu falecimento em 2011.

Nesse período que a matriarca viveu em Pastos Bons (MA), dedica-se exclusivamente à família e sempre lembra nostalgicamente que esse esposo foi seu grande companheiro para ajudá-la na realização das Festas, embora carregasse a missão entregue por seu tio, ainda não se sentia preparada. Em 1959, Dona Juscelina visita uma irmã que morava em Muricilândia (TO), permaneceu com ela por dois meses. Por ter gostado tanto da localidade, ao retornar para Cristalândia (TO), manifestou para sua família o interesse de mudarem para as margens do Rio Muricizal. Após longa insistência ela convenceu sua família e principalmente seu pai a efetuarem o processo migratório.

Mesmo sendo uma mulher casada, o ancião da família é quem mantinha a autoridade e assim os demais respeitavam foi em 1960, que veio visitar irmã Maria dos Anjos que já resedia neste município, que era uma grande mata. Toda vida foi interessada pra ter as coisas, sem ser mandada por ninguém, voltou para Cristalândia cidade onde estava residindo com sua família no dia 02 de outubro de 1962, chegou em Muricilândia (TO) juntamente com sua Família. Dona Juscelina se alia a João Paulino para buscarem reconhecimento político para a localidade e proporcionar o desenvolvimento local. Entrou aqui no Murici da Velha (alusão à beata Antonia Barros de Sousa). No município se contavam as casinhas, então a Dona Juscelina lutou junto, ombro a ombro com João Paulino fundador de Muricilândia, quando ela chegou aqui já tinha dez anos que João Paulino estava em Muricilândia. (SANTOS, 2018).

4. VIVÊNCIAS DE DONA (JUS)CELINA COMO PARTEIRA TRADICIONAL, A PARTIR DAS MEMÓRIAS DAS PARTURIENTES

Vamos iniciar este capítulo com um texto do poeta cordelista Armando Morais de João Pessoa na Paraíba sobre a profissão das parteiras.

Parteira

Há muitos anos atrás essa mulher sempre existia conhecida em todo o nordeste em cada parto que fazia. Através de cada oração e sua abençoada mão mais uma criança nascia.

Sempre uma humilde mulher com seu vestido estampado, um lindo terço na mão e uma bacia ao lado. Alguma erva ela trazia. E mostrava bom resultado. Não existia Cesariana o parto era normal a parteira muito feliz a paciente bem natural anistia não existia com o terço ela benzia sempre na zona rural.

Não existia pré-natal e nem ultrassonografia a Parteira ouvia o menino a qualquer hora do dia. Quando o menino apontava a bolsa da mãe estourava e pra parteira ela corria

Era um trabalho delicado só a parteira e a paciente deitado sobre um cama e a profissional coincidente. Fora do quarto o pai ficava por notícias ele esperava com certeza impaciente (MORAIS, 2012).

Este cordel retrata também a vida de Dona Juscelina no atendimento das parturientas como descrevemos nas próximas narrativas do capítulo.

4.1. Mães, Comadres e Amigas de Dona Juscelina

Para construir a narrativa iremos dialogar com as 10 mulheres que tiveram partos pelas mãos de Dona Juscelina, mães, comadres e amigas. Entrevistamos 10 interlocutoras, respeitando assim as particularidades e as demandas de cada uma, a idade usada como critérios de inclusão para participar da pesquisa e ter a idade acima de 40 anos, com essa pesquisa buscamos o protagonismo para a comunidade pesquisada de dona Juscelina Parteira.

Iniciamos apresentando essas mulheres que a partir das suas memórias aceitaram participar desta pesquisa.

Joana Privino Gomes Santos (Figura 12), nascida em 24 de agosto de 1958, minha mãe, mulher atendida por Dona Juscelina que salvou sua vida e da sua filha,

por isso sou considerada uma das filhas de pegação. Dona Joana Privino Gomes, mulher nordestina que sua família veio do Estado do Ceará em busca de um lugar melhor para sobreviver, de uma família bem conhecida de Muricilândia TO.

Maria das Graças Privino Ferreira (Figura 12). Nascida em 1952, essa foi à única mulher que dona Juscelina fez parto de gêmeos, no ano de 1978, em uma época que as condições para realizar um parto, eram muito difíceis. Dona Maria das Graças Privino veio para Muricilândia fugindo da seca e necessitavam de lugar para viver e plantar seus alimentos.

Figura 12. Interlocutoras: Joana Privino G. Santos e Maria das Graças Privino Ferreira



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

Maria Eurânia da Conceição (Figura 13), nascida aos 09 de maio de 1962, Professora, é filha do fundador de Muricilândia seu João Paulino Pereira de Sousa, hoje ela integra os Griôs de Muricilândia, depois da morte de Dona Juscelina, no dia 03/07/2021 Maria Eurânia do Conceição teve a honra de substituir-la, entrando no grupo de Griô em uma linda cerimonia no dia 20 de novembro em comemoração ao

Dia da Consciência Negra, onde ocorreu o ritual de investidura de Griô no ano de 2021. Foi um momento muito lindo, com muita emoção onde a comunidade se fez presente.

Leonice da Silva Ferreira (Figura 13), nascida aos dias 02 de agosto de 1962, mora em Muricilândia desde quando nasceu, neta da Primeira Parteira de Muricilândia dona Maria Quirino como era conhecida, Leonice faz parte dos Griôs de Murilândia, onde teve a honra de substituir a Griô Dona Cicera Vieira Almeida uma mulher de um grande conhecimento, que faleceu no dia 04/03/2021 sua entrada foi recentemente no ano de 2021. A cerimônia foi um momento de muita emoção no dia 20 de novembro de 2021, com o ritual de investidura de Griôs.

Figura 13. Interlocutoras: Maria Eurânia da Conceição e Leonice da Silva Ferreira



Fonte: Acervo da pesquisa, 2021.

Maria das Graças Gomes dos Santos (Figura 14), nascida aos 08 de agosto de 1949, única filha de Dona Juscelina, ela tem orgulho de sua mãe. Hoje com a saúde frágil, sendo cuidada pelos filhos, chora muito ainda ao lembra de sua mãe. Minha mãe era descendente de escravos, sempre festejou o Dia 13 de Maio em grande estilo. Tinha orgulho da sua história e jamais deixou de celebrar com festa do dia da

Libertação dos Escravos. Ela era muito feliz.

Maria Luiza Silva Santos (Figura 14), nasceu no dia 06 de agosto 1957, também neta da Primeira Parteira de Muricilândia dona Maria Quirino como era conhecida.

Figura 14. Interlocutoras: Maria das Graças Gomes dos Santos e Maria Luiza Silva Santos



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

Cleonice Pereira dos Santos (Figura 15), professora, aqui de Muricilândia filha de seu João do Eliseu e Maria Francisca moradores antigos, nesta família dona Juscelina fez 13 partos, esta família sempre tinha uma grande confiança, em Dona Juscelina.

Betânia Vieira da Silva (Figura 15), nascida aos dias 11 de outubro de 1976, filha do seu Dadá um Griô de muita sabedoria, muito amigo companheiro de dona Juscelina, Betania era vizinha e companheira de todas as horas de nossa matriarca, ajudou ate nos dias de sua vida, sempre ali presente. Betânia ainda é quilombola e coordenadora da percussão da bateria da Comunidade Dona Juscelina.

Figura 15. Interlocutoras: Cleonice Pereira dos Santos e Betânia Vieira da Silva



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

Rosa Mirtes Pereira de Sousa (Figura 16), nascida ao dia 29/01/1947, foi a primeira Professora do setor Nova Muricilândia, uma grande educadora infantil, que por suas mãos ensinou as crianças a ler e a escrever. Dona Rosa Mirtes é uma grande mulher, forte, fraterna, amorosa, imigrante maranhense, veio sem sua família, mas sente-se parte da comunidade pelo sentimento de afetividade “[...] de sangue eu não tenho parente, mas eu considero todo mundo, são meus parentes [...]”. Não quis mais sair de Muricilândia diz que enquanto alfabetizava seus alunos a ensinava artesanatos feitos da palha do coco-de-babaçu, era uma troca de saberes. Ela é muito feliz, adora fazer visitas, agradecer seus vizinhos, aconselhar os jovens. Ela é muito querida no setor onde mora. Foi uma grande amiga e companheira de vida de dona Juscelina, se emociona quando lembra de sua grande amiga. Dona Rosa é uma Griô com grande sabedoria.

Figura 16. Griô Rosa Mirtes Pereira de Sousa



Fonte: Silvania Gomes (2021)

Doralice Gomes da Silva (Figura 17) nasceu no dia 22 de março de 1938, irmã caçula de dona Juscelina, moradora do da Comunidade Quilombola do Cocalinho, no município de Cocalinho (TO). Uma mulher sábia, alegre, liderança em sua comunidade legado que aprendeu com sua irmã Lucelina, e que sente muita falta de sua irmã, chorou muito ao falar de seu legado, uma senhora cega por consequência de cataracas, mas de uma memória invejável.

Figura 17. Doralice Gomes da Silva (Matriarca da Comunidade Quilombola Cocalinho)



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

A seguir apresenta-se um quadro 02 com as características das mulheres que contribuíram relatando sobre suas memórias relacionadas às atividades de parteira de Dona Juscelina e como foram os partos de seus filhos. Trazem expresso ainda as famílias que pertencem e a quantidade de partos que foram realizados nas famílias.

Quadro 02. Síntese das características das interlocutoras entrevistadas

Local	Família	Nome	Data de Nascimento	Nº de partos na família
Muricilândia	Família Cearense	Joana Privino Gomes Santos	24/08/1958	21 Partos
Muricilândia	Família vieira	Betânia Vieira da Silva	11/10/1976	04 Partos
Cocalinho	Família de Dona Juscelina	Doralice Gomes da Silva	22/03/1938	13 Partos
Muricilândia	Família do seu Eliseu	Cleonice Pereira dos Santos	12/10/1968	13 Partos
Muricilândia	Família Cearense	Muricilândia	08/08/1952	21 Partos
Muricilândia	Família da D. Juscelina	Maria das G. Dos Santos Graças	08/08/1949	13 Parto
Muricilândia	Família Dourado	Maria Dourado	10/03/1966	01 Parto

Fonte: Acervo da pesquisa, 2021.

4.2. Processo de Partejar

Neste capítulo, apresentamos a profissão de parteira de Dona Juscelina a partir das narrativas das mulheres que foram atendidas por ela e de mulheres que acompanharam partos, além disso, mencionamos as produções científicas sobre esta profissão exercida por ela, assim como algumas especificidades de Dona Juscelina como parteira.

A trajetória como parteira de Dona Juscelina, foi constituída em vivências com as mães amparadas por ela, fortalecendo-se em aprendizado a cada nova experiência, a cada novo parto, por isso, cada narrativa apresentada, além de carregar memórias significativas nas perspectivas dessas mães, por ser um momento importante na vida delas, destaca um conhecimento a cerca desse ofício que concebeu várias vidas que hoje habitam a Comunidade Dona Juscelina.

Neste aspecto, elencaremos abaixo o perfil das narrativas das interlocutoras protagonistas nesse estudo.

Mais conhecida como Dona Joana, com 63 anos de idade, nasceu no Estado do Ceará chegando a Muricilândia no ano 1976, conheceu Dona Juscelina no mesmo ano que chegou à época com 16 anos, casou no ano de 1979, com seu atual marido João Ribeiro dos Santos, no ano de 1980 engravidou de sua primeira filha, nesta mesma época não tinha médico, a opção era a parteira, Muricilândia era uma comunidade carente, porém uns ajudava os outros, dona Joana narrou o quanto a Parteira D. Juscelina foi importante em seu parto, que a princípio era de risco, pois sua filha não estava em posição de nascer.

*Deus usou a Parteira D. Juscelina que salvou eu e minha filha. No dia 11/07/1980 por volta do meio dia, aqui mesmo em Muricilândia, comecei a sentir dores, antes da meia noite meu marido João foi buscar a dona Juscelina, onde ela passou à noite cuidado de mim, só no dia 12/07 por volta do meio dia após, muito sofrimento, pois minha filha estava sentada, sem condições de nascer, abaixo de Deus e dona Juscelina que consegui virar a criança ainda dentro da minha barriga. Quando minha filha nasceu foi muito comemorado, ainda mais por ter dando tanto trabalho pra nascer.
(Joana Privino, 2021)*

Dona Joana narra também que a procura por Dona Juscelina foi realizada pouco antes do parto, em que já foi providenciado remédios para desintoxicar e pra

induzir as contrações.

A partir do 8º mês que meu esposo foi conversar com a Dona Juscelina a parteira mas conhecida na época, ela veio logo e passou a cuidar de mim. Já foi fazendo remédios caseiros pra mim, azeite de mamona batido com açúcar pra ir limpando por dentro, após tomar esse remédio que era um purgante muito forte, a Dona Juscelina já ia fazer um caldo de água, pimenta do reino, farinha e manteiga (JOANA PRIVINO, 2021).

Na fala seguinte, Dona Joana evidencia a presença de Dona Juscelina em seu pós parto, e os cuidados que ela teve para que Joana pudesse passar por esse momento de recuperação após o momento difícil que teve.

Após o nascimento da minha filha a comadre Juscelina continuou os cuidados até o 7º dia, orientando sobre o banho, melhor só me aciava com cozimento, mandava amarrar um pano na barriga, não podia sair do quanto, mais devido o meu parto ter sido complicado fiquei muito inchada, sem poder levantar da cama, minha mãe, minhas irmãs que cuidavam da minha filha, também tomei muita garrafadas de sumo de mastruz com folha de algodão, água inglesa. A comadre também orientava sobre a comida pirão de franguinho da primeira pena, ela falava que era recuperar o sangue, ela também tinha uma preocupação com o umbigo do bebê, sempre limpando com óleo de mamona e coberto sempre com um pano limpo, até cair. Ela tinha medo de doença, dor velha, cuidava bem mesmo. Ela quem deu o primeiro banho, com água morna, sempre com boa vontade, não cobrava nada. Eu agradeço primeiramente a Deus, depois a comadre Juscelina por está aqui falando ela salvou minha vida e da minha filha, mulher de muita fé (JOANA PRIVINO, 2021).

Em consonância com a fala da nossa primeira entrevistada, a matriarca D. Juscelina ainda em vida, em uma entrevista cedida lá na sua casa, no dia 14 de novembro de 2020, afirmou que sempre eu rezeva antes de iniciar um partos, costumava rezar a Deus e pedia ajuda, mantendo sua ligação de fé com o divino, que ajuda a prover e proteger a vida.

Em sua entrevista, ela afirmava que já precisou fazer partos com grandes dificuldades onde o menino estava de pé, de bunda, nunca teve lição, pegou 02 crianças onde ninguém sabia que eram gêmeos, só no momento do parto percebeu que eram gêmeos, foi o primeiro e o único parto de gêmes que ela pegou, em momento de risadas dela, contou com muita felicidade o que fez, ainda falou que o parto foi dentro de uma rede:

Quando o cumpade Novim veio aqui me chamar, fui na hora era a noite, cheguei lá, apaubei a barriga da cumadre Graça, já sentindo dor, quando nasceu o primeiro, achei estranho, olhei bem direitinho e vi que tinha outro menino, ela deitada na rede, Graças a Deus, nasceu dois menino, ajeitei os meninos que logo veio os nomes Cosmo e Damião. (Entrevista Dona Juscelina, 2020)

Maria das Graças Privino Ferreira, nasceu no estado do Ceará no ano de 1952, foi mãe de 10 filhos todos de partos normais, interessante que todos seus filhos tem nomes de Santos, chegou em Muricilândia no ano de 1976, trazendo somente 02 filhos, os outros nasceram aqui, ela é muito grata a parteira dona Juscelina. Mãe dos gêmeos mencionados em sua entrevista, narra sua perspectiva da experiência inesperada, que foi para ambas.

No ano de 1978, fiquei buchuda novamente, aí foi a maior surpresa, pois naquela época ninguém nem sabia o que era ultrassom, nunca pensei que seria gêmeos só na hora do parto que aconteceu na madrugada. Meu marido chamou a mamãe, minha irmã também chegou, depois chamou a cumadre que chegou na hora com sua caixinha de mental, onde ela carregava seu material, quando chegou o fogo já estava acesso um fogão à lenha colocou água no fogo, deixou mornar e passou em mim com um pano limpo. Lembro que a cumadre só percebeu alguma coisa diferente na hora memo que tirou o menino e logo falou: “espera tem outro”, estava um por cima de outro, meu parto foi dentro de uma rede, foi um parto rápido, graças a Deus, uma surpresa para todo mundo, na hora coloquei o nome Cosmo e Damião, que nasceram no dia 05 de junho de 1978. Ela cuidou dos mininos, lembro que ela cortou o imbigio direitinho para não inflamar, passou azeite doce, já tinha o sumo de algodão pra beber, comida reimosa do depois do resguardo, no dia do parto estava minha mãe, minhas irmãs que ajudava olhando os outros mininos meu. Dentro do quarto só eu e parteira. A comadre quando chegava para fazer o parto ele preparava tudo, fazia remédio, dava pra gente, logo começava a fazer massagem na barriga, deixava a gente calma. Tomei chá de pimenta do reino que minha mãe fez, pra logo aumentar as dor, era tudo simples, depois do parto a cumade ficou ate amanhcer o dia, e ainda via ver como eu e os mininos estava. (Entrevistas com Maria Privino, 2022)

Conforme a fala de Dona Juscelina em articulação com Maria Privino, percebemos que o ato de partejar exige habilidades e conhecimentos, podemos dizer que também exige dons e preparos, utilizava-se de toda sabedoria para que o momento do parto possa ser o melhor para a mãe e bebê. A prestação do cuidado da parteira tinha um sentido de rede e solidariedade humana, reforçando o sentido de resistências da ação. Além disso, o apoio e respeito da comunidade reforçando a autoestima e a confiança, permitindo que a parteira tivesse controle das situações e enfrentassem corajosamente as adversidades da vida.

O relato acima deixa claro a sabedoria que a parteira tinha, era realmente um mergulho em uma história de vida fascinante que se evidencia a cada entrevista, que despeta em mim, como pesquisadora, o prazer de ouvir e o desejo de descrever. Procurei então me revestir de uma ouvinte atenta, uma aprediz da vida, observando as palavras que interlocutora falava, apesar de ser minha tia, é tímida de poucas palavras, lembro-me da minha felicidade quando ela relatou seu parto.

Em outro momento, liguei mais de uma vez para a Professora Eurânia da Conceição, escolhida depois de uma conversa com minha Orientadora por ser filha do pioneiro de nossa cidade João Paulino. Maria Eurânia quando falei com ela, foi no momento em que ela estava com Covid19, então marcamos pra outro dia, liguei novamente, ela sem querer falar, por ser uma mulher de grande conhecimento, porém de poucas palavras, ela me ligou fui ao seu encontro na sua casa, então estava com meu caderno de perguntas, onde perguntei pra ela qual sua relação com a Parteira dona Juscelina.

Hoje me sinto feliz, pois, agora faço grupo dos Griôs aqui da nossa Comunidade Quilombola Dona Juscelina, eu como filha do fundador de Muricilândia, João Paulino. Ouvi muito meus Pai e minha mãe Enedina Pereira, contar história de Dona Juscelina mulher que pegou muito menino por aí, uma médica também, cuidava muito bem das mulheres e bebê, eu ja nasci aqui em Muricilândia, Dona Juscelina era uma grande parteira, tive a oportunidade de está com ela em vários momentos, uma mulher abençoada por Deus. Quero poder representar bem esse papel, honrar a história da minha família, repassa os ensinamento ao povo, lembrando que a vida é uma luta (EURÂNIA DA CONCEIÇÕES 2022).

Dona Juscelina, me fez percorrer um caminho de memória e conhecimentos sobre situações mais variadas possíveis.

Desde modo, busca-se outras mulheres, que trazem histórias, lembranças de sua vó “Dona Maria Quirino”, a primeira parteira aqui de Muricilândia pegou muitos meninos, para entender melhor esse papel tão magnifico que é ser Parteira.

Leonice Pereira da Silva Nasceu no ano de 1962, em Muricilândia pelas mãos de sua vó Dona Maria Quirino, Leonice estava muito feliz com minha visita, sentamos no quintal de sua casa, por volta das 17:00 hs, em seu quintal cheio de plantas, colocou cadeiras e fui ouvi-la.

Sabe Leidiane, que alegria de fazer parte do grupo de Griô da minha

comunidade Quilombola Dona Juscelina aqui de Muricilândia, tomando posse em 2021. Sou Professora filha de Alexandrina e Ananias, moradores antigos aqui de Muricilândia, neta de dona Maria Antônia de Andrade, conhecida na cidade por Maria Quirino, minha família é tradicional aqui de Muricilândia, eu casei aqui tive minha família aqui tenho 03 filhos e um bocado de netos. Falar de minha vó e trazer um legado que ela deixou aqui na cidade, sendo a Primeira Parteira, ela gostava do que fazia, pegou muitos meninos, não tivemos a inteligência de perguntar pra ela a quantidade de partos que ela fez, somente lembro-me de algumas coisas. Eu e meu irmão Felix nascemos pelas mãos dela em casa, minha vó pegou seu primeiro bisneto, também filha de sua primeira neta (LEONICE PEREIRA DA SILVA, 2022).

A entrevistada também menciona outros conhecimentos que Dona Juscelina possuía, como o manuseio de plantas medicinais.

Além de Parteira ela era também médica com seus remédios caseiros, ela era muito prestativa atendia a todos que chamavam, lembro vagamente que ela já saía de casa com os remédios caseiros, uma tesoura para ir fazer partos. Lembro-me de um remédio que ela usava no umbigo do bebê, algodão queimado com azeite de mamona, logo depois que cortava, ela era tão cuidadosa com as mulheres e as crianças também. Minha vó dona Maria Quirino já era Parteira quando dona Juscelina chegou aqui em Muricilândia (LEONICE PEREIRA DA SILVA, 2022).

Em sua narrativa, a entrevistada relembra os meios usados por Dona Juscelina para realizar os partos, como cadeira e redes. Além dos métodos usados em caso de contratemplos como, a demora do parto.

Lembro vagamente de uma cadeira que ela tinha uma cadeira de madeira, sem couro no lugar de sentar, nem esses paus que fica aqui em volta da cadeira, sabe? Pois é ela enrolava de pano pra ficar macio e não machucar as mulheres quando sentava pra ganhar nenê, né. Ela contava que fazia muitos partos na rede, naquele tempo o povo tinha mais era rede, ela também fez parto em uma mulher que era gêmeo, lembro também que quando a mulher demora muito pra ganhar nenê minha vó dava um ovo bem quente pra ela beber, era fazia muitas simpatias para as crianças e as mães, ela contava que usava uma corda para as mulheres se em pendurar quando a criança demorava nascer. São poucas as lembranças que tenho, gostaria de ter mais lembranças, uma história tão linda. Só Deus pra ter misericórdia por que era tempo difícil, sem nenhuma tecnologia. Só sua devoção. Ela morreu aqui em Muricilândia deixou um belo exemplo pra todos nos (LEONICE PEREIRA DA SILVA, 2022).

Para as parteiras, o valor moral compartilhado é o que reconhece a vida humana como fruto de uma ação de cuidado que se avizinha do desejo de persistir na existência humana. Para elas partejar faz parte de uma missão que foi atribuída por Deus e por isso, entendem que ele estará sempre ao seu lado e, sobretudo, nas horas

de aflição.

Maria das Graças Gomes dos Santos conhecida como “dona Quita”, única filha do ventre de Dona Juscelina com seu primeiro marido, percebe-se um olhar triste, uma recordação dolorosa, visível nos lábios que tremem ao falar, nas lágrimas que teimam a correr pelo rosto ao recordar de sua mãe, pois demonstram que muita coisa permanece guardada, silenciada, não dita, por muitas razões, porque não conseguiram falar direito devido um derrame, lembro que fiz várias tentativas, fui em sua casa, tentamos mas sempre muito emocionada, tinha que interromper, sempre respeitando seu momento, ela sempre querendo falar mas não conseguia, o respeito e a harmonia feliz entre pessoas, aprendi a importância, o significado e a responsabilidade de cada momento. “Dona Quita faz um relato emocionante.

Leidiane boa tarde tô muito feliz de ser entrevistada por você, nasci em Nova Yorque no Estado do Maranhão, dia 08 de agosto de 1949, sou a única filha de minha mãe, Lucelina Gomes dos Santos, minha mãe (momento de muito choro). Cheguei aqui em Murilândia com 13 anos, nos viajamos nas costa de animal no jacar antigamente era assim, né. Minha mãe sempre trabalhava muito foi parteira, aqui em Muricilândia, mãe saia de casa com uma lamparina na mão, pra atender as mulheres que ia ganhar nenê, mamãe sempre assistia até acontecer o parto, né. Quanta vezes só chegava em casa já tinha que sair, ela saia a pé, de animal do jeito que dava pra sair. E quando era na época de chuva, era debaixo de chuva, nunca deixava ninguém esperando ia mesmo assistir as mulheres. Mamãe não se cansava, vi muitas vezes ela chegando só trocava a roupa e saia novamente, eu ficava em casa com meu padrasto, sempre saia com paninho branco amarrado na cabeça, não tinha tempo pra dormir direito, eu só observando sentia falta. Este é meu trabalho um dom que Deus me deu, eu vou a qualquer hora do dia ou da noite, enquanto Deus me der saúde tenho que cumprir minha missão. Então depois de muito tempo meu padim Cristino já preocupado com os problemas da minha mãe, ela tinha uma dor velha, pedra na vesícula né. Ele sempre falava: minha veia você não pode trabalhar neste serviço de pegar menino, calma mais um pouco foi indo ela largou. Por causa do problema de saúde dela, o médico mandou ela ter repouso devido a idade dela. Tinha vez que ela ia ate 03 vezes no dia ver a mesma mulher com dor, dava remédio que ela fazia, e voltava pra casa. Ela não se cansava, nem fica dizendo que estava cansada, minha mãe foi uma mulher guerreira. Ela era muito feliz em fazer parto. As pessoas sentiam muito orgulho de minha mãe. Eu como filha única sinto muito orgulho de minha mãe. É uma saudade que dói. (choro novamente). Minha mãe cuidava tão bem das mulheres que graças a Deus, ela nunca passou uma mulher morta pelas suas mãos ela fazia tudo que podia, logo ela era muito religiosa, tinha minha fé, ela preparava remédio, ela preparava as mulheres, eu tive uma filha que ela pegou, mesmo cuidou de mim e da minha filha, ela passava coragem pra mim, (Choro), minha mãe sofreu muito preconceito, são lembranças dolorosas, Leidiane muito obrigado desculpa as falhas, eu estou muito emocionada, desculpa (chorando muito). “Dona Quita hoje com uma saúde debilitada, depois da morte de sua mãe ficou ainda mais frágil. (Entrevista com Dona Quita,2022).

Cuidado humano é respeitar o direito do outro. É respeitar aquela mulher que estão na frente, é respeitar o momento de fragilidade. A profissão de Parteira é bonita, porém com muitas dificuldades, principalmente na época falta de acesso aos locais dos partos. É preciso resgatar valores, como amor, compreensão, trabalho humanitário. É preciso estar preparada espiritualmente, e tudo isso dona Juscelina tinha, fazia com as mulheres e as crianças.

Maria Luiza Silva Santos nasceu no dia 06 de agosto de 1957, quilombola, residente aqui mesma de Muricilândia, filha de uma família tradicional de nosso município, também neta da primeira parteira de Muricilândia dona Maria Quirino, fez questão de falar de sua vó, ela já ressaltou que como Parteira fez muitos partos em Muricilândia. Fui recepcionada em sua casa com seu sorriso, era só alegria.

Cheguei aqui em Muricilândia no ano de 1968. Sou neta de Maria Antônia Andrade conhecida como Maria Quirino mãe de 07 filhos, trabalhou muito na roça. Mas foi conhecido aqui por ser a Primeira Parteira da Cidade de Muricilândia, quando chegamos aqui ela já era parteira o pessoal gostava de procurar ela para pegar os filhos, ela era boa pra fazer e ensinar remédios, naquele tempo era só remédio caseiro, graças a Deus nunca morreu uma mulher em suas mãos, ela era muito cuidadosa, gostava de pegar menino. Quando alguém vinha buscar ela que não podia ir, ela ficava muito sentida, com uma grande paixão, pois seu prazer era de pegar menino. Ela considera muito os meninos que ela pegava, os meninos chamava ela de mãe, tia, madrinha, os pais eram comprades. Ela chamava de meus filhos. Minha Vó nasceu no ano de 1905 e faleceu aqui mesmo em Muricilândia no ano de 1991, é enterrada ali no cemitério. Mas ela foi a primeira parteira de Muricilândia. Ela ainda fez 02 partos na minha mãe. Minha vó pegou alguns dos filhos do seu Dusantos e da dona Luizinha, aqui nosso vizinho de toda vida, só não lembro quem foi, minha vó era católica, devota de nossa Senhora Mãe de Jesus, usava um rosário no pescoço o tempo todo, esse serviço de parteira era totalmente de graça, não cobrava, recebia agrado quando alguém dava. Ela morava bem ali onde é o balneário, foi lá que ela morreu. Quando minha irmã Nena nasceu meu tio Graciliano subiu em cima da mamãe, uma simpatia por que o parto estava demorando demais. Ela fazia massagem, sempre deixa mães e crianças arrumadas. Minha vó tocava na barriga da grávida, e já sabia como estava a criança, era assim que ela fazia (Risos). (Entrevista com Maria Luiza Silva Santos, 2022)

Nesta entrevista Maria Luiza se expressa muito a vontade mas relata a história com saúde e fala muito da vivência de Dona Maria Quirina, outra parteira de Muricilândia, segundo ela a primeira. Relata as práticas de sua avó, os cuidados com as mulheres, percebemos nesta narrativa uma tradição, sempre lembrando de Dona Juscelina ambas faziam com prazer os partos.

Cleonice Pereira dos Santos falou de seu sentimento de gratidão mantém-se

em sua narrativa de como foi seu parto, orgulha de falar da Parteira Dona Juscelina que ajudou na vida de muitas mulheres. Fala do respeito e da afetividade que tem por ela, relembra o carinho que Dona Juscelina teve com sua família, família essa tradicional aqui de Muricilândia, onde dona Juscelina fez 13 partos.

No dia treze de dezembro de 1991, por volta de 10:30hs da manhã. Quando comecei a sentir dores, as dores foram ficando fortes, foram chamar a parteira na qual era minha vizinha de frente, dona Lucelina, e ela veio imediatamente, foi um parto tranquilo, ela trouxe suas ferramentas em uma latinha apertamente enferrugada, dentro estava tesoura grande, outra pequena, luvas de plástico, álcool pra fazer o procedimentos. Chegou vestida de branco, seu lençinho branco na cabeça colocou as luvas, e aí o parto foi muito tranquilo normal, e dando apoio sempre pra gente, pegava na minha mão, passava a mão na minha cabeça e rezava sempre elevando o nome de Deus, de Maria Santíssima. Foi muito gratificante este parto, não cobrou nada e nem cobrava nada. A gente só agradecia e de livre espontânea vontade se quisesse dá um agrado ela recebia, mas nada dela tá fazendo cobrança. (Entrevista Cleonice Pereira de Sousa, 2022)

Percebe-se nesta narrativa que a parturienta se expressa com emoção quando fala das atividade de Dona Juscelina como parteira, que fazia os partos, o cuidado com as mães e os bebês, todo esse trabalho era realizado de forma gratuita pode ser considerado como economia moral, na perspectiva de Thompson (2017, p. 258) “[...] num equilíbrio de forças sociais ou de classes[...]”, uma forma economica que não visa o lucro.

Dona Juscelina realizava cuidava das mulheres parturientas, mesmo após o parto continuava com acompanhamento tanto da mãe quanto da criança, orientando quais os procediemntos que deveriam ser tomados como relata a entrevistada a seguir:

Ela acompanhava, fazendo as orientações como os procedimentos de como a gente ia passar o resguardo para ter um resguardo normal tranquilo, sem está dando dor de cabeça, se fizesse alguma coisa errada, poderia doer a cabeça poderia sentir muitas dores, ela também cuidava do bebê até o umbigo cair. No momento do parto ela pegou minha bacia grande de alumínio e amornou água pra quebrar a frieza, para banhar a criança depois do parto, aquele momento ficou marcado, ela colocou a bebê de cabeça pra baixo e deu 03 tapinhas no bumbum, pra criança chorar(Entrevista Cleonice Pereira de Sousa, 2022).

O cuidado das pessoas que estão envolta no processo do parto e da gestação da criança, não atendia apenas a mãe, mas preocupava com a saúde da criança, e

sempre utilizando sabedoria tradicional. Neste sentido a nossa próxima interlocutora também contribui com as narrativas.

Rosa Mirtes Pereira de Sousa Griô, nascida ao dia 29 de janeiro 1947, foi Professora no setor Nova Muricilândia, uma das primeiras educadoras do setor, foi grande amiga de Dona Juscelina, também eram unidas pela religião, devotas da Dividade, faziam penitências e a festa de 13 de maio. Griô com grande sabedoria, está sempre presente nos eventos da Comunidade em Muricilândia. Ela ainda chora a partida de Dona Juscelina. Ela é preocupada em manter o diálogo entre os membros do conselho de Griôs e os jovens da comunidade.

Dona Rosa Mirtes, mora na comunidade há mais de trinta anos, vinda do município de Araguaína, onde morava às margens do rio Araguaia para trabalhar como professora em Muricilândia. Ela considera as pessoas da comunidade como sua família, tendo em vista que a mesma não tem filhos e mora sozinha.

É a gente tem por obrigação de ajudar os outros eu faço isso é com carinho, visitar as pessoas, quando morre uma pessoa passo a noite todinha, ajudar fazer remédio comida, gostava muito da dona Juscelina ela era uma mulher abençoada, dava conselho, eu gostava de ouvir ela, quando eu cheguei aqui em Muricilândia ela já ajudava o povo, dava remédio, pegava menino, ajudava as mães, ela pegou muito menino, andou muito a pé, de dia de noite, ela não tinha preguiça, tem muito filhos aqui e na região, ela já era bem conhecida aqui. Eu sempre participei das novenas, das festas que ela fazia, ajudava ela de mais, ate hoje chora lembrando dela. Ela era uma mulher que sempre ajudou na comunidade, temos que seguir o que ela ensinava. Vai fazer muita falta. Sempre gostei de plantar muitas coisa no meu queintal, no meu quintal, pimenteira, fedegoso, matruz, cuido de tudo para sempre ajudar quem precisa. Lembro que Dona Juscelina como parteiras mandavam as mulheres toma purgante, para limpeza né? (Risos)(Rosa Mirtes,2022).

Nos relatos de Rosa Mirtes pode-se perceber o cuidado de Dona Juscelina não apenas no momento do parto, mas antes mesmo já preparava parturienta com os seus saberes tradicionais utilizando as plantas cultivada na comunidade.

É necessário compreender a importância do uso das plantas medicinais para Dona Juscelina, em principio compete destacar que todo o conhecimento acerca dessas substâncias bem como seu devido uso são partes integrantes do legado cultural que essa mulher possuía. Essas Plantas em seu próprio quintal eram usados durante todo o processo de gestação, pois transformadas em banhos, chás, óleos eram partes fundamentais no cuidado das mulheres e dos bebês. Vale destacar que

dona Juscelina amava seu seu quintal suas plantas, e notava sua tristeza nas palavras que devido sua saúde não conseguiu mas limpar, plantar o que gostava, ela com muita alegria contou o que ela e seu falecido marido plantava em seu quintal aservas medicinas, pois ela acreditava que as plantas curavam; como capim santo, ervas cideira, mascruz, algodão, gervão, arruda, capim santo, babosa, espada de São Jorge, sete dores, boldo, mastruz, banana, laranja, laranja da terra, goiaba, maracujá, cajú, entre outros (Figura 18). Dona Juscelina ainda explicou o poder de algumas plantas

Ó mia fia eu confiu nas plantas elas cura mesmo, o chá de erva cidreira serve pro calmante, serve ainda para febre aqui tem muito, também o capim santo serve para febre, é muito importante as plantas. (Dona Juscelina) (Risos)2020.

Figura 18 . Quintal de Dona Juscelina antes (2021)



Fonte: Quintal de Dona Juscelina, foto de Janete Milhome, 2021

É notavel que seu quintal realmente está muito diferente em relação como ela relatou, e percebe na figura 19. Hoje seu quintal se encontra sem vida, sem alegria. Dona Juscelina tinha uma afeição muito grande pelas plantas medicionais, sempre acreditou no poder da cura com as plantas, era coisa que ela sempre falava. O serviço na roça serviu de fonte de inspiração para seguir firme na vida, sempre contou com ajuda da natureza, além de cultivar as plantas também cultiva as amizades, Dona juscelina era amorosa, dedicada de um coração de humildade com todos que de sua

comunidade.

Figura 19 . Quintal de Dona Juscelina em 2022



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

Doralice Gomes dos Santos nasceu no dia 22 de março de 1938, irmã caçula de Dona Juscelina Gomes dos Santos Para encontra-lá, fui ao povoado de Cocalin, acompanhada de meu esposo, meu filho e de Francisca Gomes, sobrinha de Dona Juscelina filha de sua irmão Felizardo Gomes dos Santos (*In memória*). Fomos recebidos com muita alegria, uma senhora cheia de grandes memórias. Doralice é deficiente visual, conseqüente de uma catarata que não pôde ser tratada por falta de condições financeiras, como afirma Dona Doralice.

Uma senhora de vocabulário rico, que contou vários acontecimentos, gosta de uma boa conversa, eu fiquei em sua frente, de vez em quando ela me tocava, talvez

pra saber se realmente estava ouvindo-a. Ela demonstrava sentir muita falta de sua irmã, chorou muito ao falar de seu legado, de sua luta em sua comunidade, Muricilândia. Ainda sem acreditar na perda de sua irmã, a saudade era evidente. Ela faz seu depoimento.

Eu também era parteira, peguei a primeira menina na Mata do Gurupi eu tava com 22 anos, onde a gente morava. Tinha noite que eu não dormia né, lá na Mata do Gurupi peguei uns 20 meninos. Eu aprendi pegar menino com Deus. Deus que ensinou minha irmã Dos Anjos⁴, também era parteira mais velha. Bom o que eu lembro da minha irmã Lucelina Gomes conhecida como Juscelina como Parteira ela lá onde morava em Cristalândia ainda não era Parteira quem era Parteira era a Dos Anjos nossa irmã mais velha né, ela lá era quem pegava menino. Quando passou pra cá pro Murici então ela Lucelina começou a pegar menino mais de 500 pra lá não lembro quando ela começou. Eu sei que graças a Deus enquanto ela foi Parteira não morreu nenhuma mulher na mão dela (entrevista com Doralice Gomes Dos Santos, 2022).

Dona Doralice destaca as diferenças no acompanhamento no pós parto efetuado em hospital e feito por uma parteira.

Uma coisa eu digo minha irmã trabalhava bem, muito boa Parteira, dava assistência os três dias dava banho no menino, olhava o umbigo até quando caía, e a nossa obrigação de Parteira, o remédio era o sumo de algodão durante 03 dias. Naquele tempo quando eu comecei e ela a mulher não banhava com menos de 15 dias, né menos era 08 dias, agora quando vai pra rua [hospital] tem o banho de toda hora, eu dava um banho de asseio. Quando o umbigo caía, o cuidado na hora do banho pra não molhar viu. A comida era só pirão de galinha gorda amarela. Graças a Deus era uma irmã que nós não tinha teima, não tinha nada, nós era muito unida, [um momento de silencia emoção], uma saudade grande da minha irmã, tem hora que a gente pensa em morrer, mais é assim mesmo, a vida passa tem que passar, é dura minha filha. Minha irmã trabalhou muito, é uma tristeza, mais é isso. A cumade Lucelina rezava muito o ofício todas as noites, Tenho muita saudade de minha irmã. [Choro] (entrevista com Doralice Gomes dos Santos, 2022).

A entrevistada narra às dificuldades de ser parteira, os longos caminhos, fazendo com que os percursos fiquem longos, medo por fazerem partos por conta próprias em tempos difíceis, Dona Juscelina era movida pelo desejo de servir, simplesmente por querer ajudar sempre o próximo, e que sempre se apegou a religião.

Vou lhe dizer a vida da Parteira não é brincadeira hoje dormi, amanhã não dormi, Eu mesmo não queria ser mais Parteira nem de manhã pro meio dia, eu sofri muito, muito mais Graças a Deus venci a vitória é de Deus o maior de todo. Minha irmã também é uma mulher vitoriosa. Ela trabalhava muito

⁴ Dos anjos, como era chamada a irmã mais velha de Juscelina Gomes dos Santos.

bem, gostava de pegar menino. Há não posso esquecer, eu botava a mão pro céu e pedia a graça Divina pra ser feliz naquele parto né. Sempre reza a Salve Rainha ate mostrai me Jesus um bom parto pra essa mulher pedido pelo amor de Deus a virgem de Nazaré que venha Nossa Senhora do Parto o Senhor São Raimundo Nonato, Nossa Senhora do bom Parto que venha nesta festa que eu vou nessa endação que vou sair, quero que vós de uma boa hora, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora do Parto e São Raimundo Nonato. Não podia sair de casa sem rezer, por que na hora que você comeã você vê o jeito que tá a muier, sabe tudim vai ciente, a mãe de Deus amostra tudo (entrevista com Doralice Gomes dos Santos, 2022).

Dona Juscelina sempre relatava sua felicidade quando ela finalizava um parto, [...]“é a coisa mais linda que a gente pode imaginar, quando a gente faz um parto, que dá tudo certo”, [...] na sua fala sentiamos sua gratidão, em saber que trouxe uma vida ao mundo, e saber que também estava fazendo felizes os pais, familiares.

Dona juscelina tinha um cuidado com as mulheres desde quando era avisado da gravidez, processo que se dá logo ao iniciar a gestação. Aqui ela era convidada a estar acompanhando os diversos momentos da gravidez. Era respeitada pelas famílias que no momento, mas difícil, que é o parto de uma mulher em dores, que se sentiam protegidas, com sua presença. O uso de ervas e plantas medicinais estão constantemente presente durante esse período. Erva que era plantada, colhida do seu próprio quintal, sempre fez questão de cuidar das suas plantas medicinais.

O Parto ápice do trabalho das parteiras durante as primeiras contrações (dores), as parteiras são chamadas a se instalarem na residência das parturientes ate o momento de expulsão do feto e da placenta. E ainda preocupava com a criança nascida.

Uma coisa eu digo minha irmã trabalhava bem, muito boa Parteira, dava assistência os três dia dava banho no menino, olhava o umbigo ate quando caia, e a obrigação de uma boa Parteira, o remédio era o sumo de algodão durante 03 dias. (Entrevista de Doralice Gomes da Silva 2020).

Betânia Vieira da Silva, nascida aos dia 11 de outubro 1976, filha do seu Dadá um Griô de muita sabedoria, muito amigo companheiro de dona Juscelina, onde a mesma fez 04 parto em sua mãe dona Maria, era uma ligação muito proxima, Beta era vizinha e companheira de todas as horas pra a nossa matriarca, ajudou ate nos dias de sua vida, sempre ali presente.

Antes de ela falecer, estive com ela na quarta feira, ela se queixava muito dizendo que tinha muita dor, e me fez um pedido que não deixasse ela ir para Araguaina, eu como todos nós aqui, os vizinhos, até hoje temos um sentimento muito grande de tristeza, eu todos os dias estava ali com a Dona Juscelina, e ela quando conversávamos, a preocupação dela era em ajudar a comunidade dela, ela serviu sua vida toda a comunidade dela, eu acredito que ela foi inesperadamente, ela tinha 92 anos, eu acho assim que, precisava viver mais uns 6 anos a 8 anos, ela era uma pessoa muito sadia. Eu tinha e tenho um carinho muito grande por Dona Juscelina ela era muito querida, estou emocionada, uma grande perda, ela foi uma grande mulher, foi parteira pegou 04 irmãos meus, era muito amiga dos meus pais desde de muito tempo, ela sempre adivinhava o sexos dos meus irmãos, só em tocar na barriga de minha, era de uma sabedoria muita grande, tive muita forte de ser sua vizinha por muito tempo.

Pretendo, sim, valorizar a grande mulher Dona Juscelina que exerceu o ofício de parteira, uma mulher de fibra, corajosa que esteve ativamente em contato com a nossa comunidade. Esta mulher sempre vai merecer nosso respeito. Betânia ressalta ainda que:

Dona Juscelina pra mim será uma pessoa muito importante, especial porque sempre foi uma amiga, uma vizinha querida, incluíse ela não é a minha mãe de pegação né, mas dos meus irmãos, eu tenho 08 irmãos mas ela s' pegou 04 do meus irmãos, que antigamente ela era uma grande parteira, eu fui crescendo ouvindo as histórias dela, das crianças que ela pegou e tinha muito orgulho, ela era uma mulher de belas histórias, Dona Juscelina sempre vai está no meu coração. (Entrevista de Betânia Vieira da Silva 2021).

Nos relatos de Betânia (2021) percebe-se o respeito das pessoas pela profissão de parteira exercida por Dona Juscelina, e a forma carinhosa que a Matriarca tratava as mulheres como também as crianças que ela recebia.

4.2.1 As dores do Parto

O nascimento de um bebê é o evento mais importante na vida de ser humano. A criança representa a esperança na continuidade da existência e simboliza a fratificação do amor de um homem e de uma mulher, unidos também pelo desejo de constituir família. Além do romantismo que descreve este ato, a fisiologia do nascimento impõe à mãe a coragem e a força física, para fazer cumprir o curso da vida e trazer ao mundo o bebê formado em seu ventre.

Através da entrevista a seguir percebemos que Dona Juscelina preocupava

com os problemas que a parturiente pudesse enfrentar durante o parto e com isso ela cuidava das mulheres durante o pré-natal utilizando de suas práticas e das plantas medicinais como também outros remédios caseiros com o intuito de diminuir os problemas durante o parto.

“Meu parto foi tranquilo, quando eu pedi para buscar a parteira, D. Juscelina já estava nos últimos momentos. Já havia rompido a bolsa. Os chás costumeiros que minha mãe me deu para tomar foi de pimenta-do-reino que hem segundos as credices dos mais velhos, apressaria o parto, de fato verdade. Na hora do parto no quarto somente a parteira e minha mãe, eu não quis muita gente, que além de eu achar meio constrangedor, não havia necessidade. Oração também não teve, foi muito rápido. Depois de tudo, só o repouso normal, ela cuidava ate o umbigo cair. A criança foi a Jardiane, que nasceu no dia 16/09/1984, por volta de meia noite e quinze. Acho que as mulheres aqui quase tudo já passou pela mão dela. Ela era uma pessoa maravilhosa, a gente se chamava de comadre porque ela foi minha parteira, a minha filha foi ela que trouxe ao mundo, não fui em hospital. Eu a tinha como se fosse uma mãe né, porque quem faz isso faz uma coisa muito importante na vida de uma mulher, porque quem já teve filho sabe o tanto que é difícil essa situação, então ela já fez isso por mim. Eu a considerava uma grande amiga [...] Era uma pessoa doce, ela é era uma guerreira, uma mulher pessoa forte, uma pessoa que tinha muita vontade de viver, vontade de ver as coisas melhorarem, fiquei muito triste com sua partida, porém agradecida. [...]”. (entrevista cedida no dia 12/04/2022 de 2022). Maria Bartolomeu (Entrevista com Dona Juscelina,2021)

Diante desta narrativa pode-se perceber o vínculo formado entre a parteira e a família atendida, uma ligação que passava de gerações tendo em vista que a história da gestação e do parto das pessoas eram contados de mãe para filhos como é o caso do relato de Maria Bartolomeu, mas também é uma história que envolve a família da propria pesquisadora.

Dona Juscelina vai ficar marcada na vida de muitas pessoas aqui em Muricilândia, pela dedicação, trabalho prestando na comunidade, seu compromisso e contribuição ao município, ela era uma mulher com muitos sonhos. Constatamos que o trabalho prestado por Dona Juscelina ia além, reconhecemos que a mesma encarou muitos desafios, mas como ela mesmo dizia; *“fazia tudo com amor”*. Ela sabia que os bebês ao vim ao mundo representava alegria aos pais e familiares. Ela relatava com euforia:

A criança nascia ai, eu cortava o imbigio, arrumava a criança, enrolava deixava bem arrumado, também cuidava bem direitinha da mãe(Risos) era

assim que eu fazia dava certo Graças a Deus) (entrevista cedida com Dona Juscelina, 2021).

Dona Juscelina era uma mulher de olhar profundo e sorriso contagioso, sempre relatava suas vivências com recordação com “*muita saudades*”. Nas suas conversas ela sempre deixava evidente que ser parteira requeria muita coragem e força feminina, Dona Juscelina, trazia suas memórias, sua identidade sua história de vida.

A memória “gira em torno da relação ao passado presente e envolve um processo contínuo de construção e transformação das experiências relembradas. (Thompson, 1997, p 57)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos como resultado construir conhecimento através de um olhar diferenciado da Dona Juscelina, que vai além de sua liderança do Conselho de Griôs, mas uma mulher solidária com saberes peculiar e uma grandesa como ser humano solidária, que produzia nos seu quintal plantas medicinais, trabalhava como benzedeira e como parteira, sendo que esta ultima fora exencial na construção da comunidade no municipio de Muricilandia. É relevante deixar registrado que esta pesquisa esta em andamento na fase de produção e seleção de fontes de pesquisa.

A comunidade D.Juscelina surgiu em meados de 1950 especificamente em 1952, formada por negros e negros vindos do nordeste principalmente do Maranhão e Piauí. Saindo decorrente de secas e das más condições, obrigando estes passarem por processos migratórios, até chegar aqui na região do vale do Araguaia. Uma beata dona Antônia Barros saui do Piaui, passado no Maranhão, ela se coloca como vidente, que tem conhecimento do Padre Cicero Romão Batista do Juazeiro do norte. E em uma dessas visões ela começa a movimentar as pessoas que estava perto dela. Para seguir ate as matas do lontra. Qual era a missão que ela tinha? Encontrar um Santo Cruzeiro que estava enficado no toco de um monte onde hoje é o Municipio de Aragominas TO, chegando neste local no dia 27/07/1952. E no dia 20/08/1952 o grupo avançaram um pouco mais e chegou ao murici da velha, esse grupo trouxe uma cultura pautada no catolisismo popular.

Em 1962, também saindo do Maranhão neste mesmo ciclo religioso, nessa diaspóra de encontrar terras férteis, onde pudesse criar seus filhos e criar animais, plantas se sustentar, dona Juscelina chega a Muricilândia, ela traz de lá do Maranhão, um arcadolso cultural muito importante que era uma festa, que seu tio Cloro do Saco Preto, transferiu para ela pouco antes de morrer. Ela então assume a incumbência de dá continuidade nesta festa, de certa forma esta festa era exaltação a Princesa Isabel pela assinatura da Lei Áurea fim da escravatura.

Esta festa é conhecida como 13 de maio ou festa do rebolado, mas com o passar do tempo a festa foi crescendo hoje, em Muricilândia TO é referencia, sendo agora 4 dias de festividade ela agrega de 5 a 6 mil pessoas da cidade e das cidades vizinhas. Dona Juscelina revoluciona o ambiente, chega com o ofício de parteira mais

uma coisa importante para seu rico currículo. Dona Juscelina recebeu ainda o título de “Doutora Honoras Causas”. Um título merecido, pois Dona Juscelina era uma mulher de luta, amava seu povo e sua comunidade. E assim infelizmente perdemos a nossa matriarca em 03 de julho desses mesno ano, deixando um grande exemplo a todos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **A importância da História Oral como metodologia de pesquisa**. Anaiseletrônicos daIV SemanadeHistóriado Pontal/III Encontro de Ensino de História|ISSN:2179 5665. Universidade Federal de Uberlândia Campus de Pontal, Ituiutaba-MG|29/11 a 02/12/2016. Disponível em <<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>> Acessado em 16/07/2021.

BASTOS, Priscila da Cunha. **Entre o quilombo e a cidade: trajetórias de individuação de jovens mulheres negras**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny, **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro UERJ, 2001.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia: UFG. 2010.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

FARIAS, Digiane da Silva. **Entre o parto e a benção: Memórias e saberes de mulheres que partejam. Bragança**. Dissertação de (Mestrado em Linguagem e Saberes na Amazonia) Programa de Pós Graduação de Mestrado Linguagem e Saberes na Amazonia. UFPA. Universidade Federal do Pará. 2013.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Quadro das Comunidades Remanescentes Quilombolas certificadas até a data de 16 de junho de 2021**. Disponível: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-por-estados-e-regioes-15-06-2021.pdf>. 30 jul. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo. Editora Atlas. 2002.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e

diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, p. 103 - 133, [1996] 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Dilema de Conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 2ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: um Debate.** GEOgraphia, n. 17, 2007. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/viewFile/213/205>> Acesso em: mar. 2016.

LIMA, Heloisa Pires. Hernandez, Leila. Toque do Griôs: **memórias sobre contadores de histórias afriacanas.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica.** 5. ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, Manual de História Oral. São Paulo. Edições Loyola, 2001.

MILHOMEM, Jannete da Silva. **Quintais produtivos das mulheres quilombolas griôs do quilombo dona Juscelina, Muricilândia - TO:** Perspectivas de práticas educativas e culturais(2018-2021). Dissertação (Mestrado Interdisciplinar) Programa de Pós Graduação em Cultura e Território – UFT. Araguaína-TO 2021.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e Territorialidade nos limites do rural e urbano na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO.** Dissertação (Programa de Estudos de Cultura e Território), Universidade Federal do Tocantins, Araguaína-TO. 2018.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Vivências Cotidianas de Parteiras e ‘Experientes’ do Tocantins.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Revista Estudos Feministas. São Paulo, 2002.

POLANYI, Karl. **A subsistência do Homem e Ensaio Correlatos.** São Paulo. Ed. Contrapontos, 2012.

POMBO, Olga. **Interdisciplinaridade e integração de saberes.** Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 3-15, out. 2008.

PORTO-GONÇALVES, Carlos De Saberes y de Territorios: diversidad y emancipación a partir de la experiencia latino-americana. Polis, Revista de la Universidad Bolivariana, Volume 8, Nº 22,2009, p. 121-136.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: Sobre a Trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa oficial, 2006.

SAQUET, Marcos A. Por uma Abordagem Territorial. In: Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos. 2ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. Abordagens e concepções sobre território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANTOS, Katiane da Silva. Do Passado ao Presente: a festa 13 de maio da comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018. 210 f.

TELESI Júnior, E. **Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS**. Estudos avançados, 2016. Disponível em <doi: 10.1590/S0103-40142016.00100007> Acesso em 19 de agosto de 2021.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

Thompson, Alistair. **Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**. Projetos História (15). Ética e História Oral. São Paulo. Educ. 1997.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À Procura das Bandeiras Verdes: Viagem, Missão e Romaria - Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental**. Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. 623 f.